

VOL. IV - Nº 06 - 2020



# kapiiuara

Primeira Exposição Virtual de Arte da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura (ARLEC) reúne trabalhos de cinco renomados artistas e acadêmicos

Em crítica e teoria literária, Rosalie Gallo y Sanches versa sobre o papel do escritor e o seu fazer criativo



Lezio Junior

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

**Crônica do  
Dr. Acácio de Oliveira  
Santos Júnior**

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTES

**Profeta das Cores  
e suas intervenções  
artísticas na cidade**

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

**Melissa Furlan  
Venturini faz sua  
estreia em publicação**

# E<sub>x</sub>pediente

Copyright © by Editora In House, 2020

## Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos  
(Bibliotecário)

## Editoração e acabamento

Editora In House

## Revisão gramatical

Cecília Demian

## Imagens e fotos

[www.freepik.com](http://www.freepik.com)  
Acervos históricos

Catlogação na Publicação (CIP) elaborada por  
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.4, n.6 (2020). – São José do Rio Preto: Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), 2020-1 recurso digital : il.

Periodicidade semestral.  
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
- I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P20-010

CDD – B869.05



**Kapiiuara** é uma publicação literária anual, produzida pela **ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura**, com a finalidade de divulgar o trabalho de seus acadêmicos e convidados.

End.: Praça Jornalista Leonardo Gomes, 01 - Centro  
Centro Cultural Professor Daud Jorge Simão  
São José do Rio Preto - SP - CEP: 15061-010

E-mail: [arlecriopreto@gmail.com](mailto:arlecriopreto@gmail.com)

Site: [www.arlec.com.br](http://www.arlec.com.br). Siga-nos nas redes sociais

Jornalista responsável /Revisão gramatical:  
**Cecília Demian - MTB 39.119**

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House / 11 99903-7599**



Presidente:

**Alberto Gabriel Bianchi**

1º Vice-presidente:

**Rosalie Gallo y Sanches**

2º Vice-presidente:

**José Luiz Balthazar Jacob**

1º Secretária:

**Loreni Fernandes Gutierrez**

2º Secretária:

**Maria Helena Curti**

1º Tesoureiro:

**Antonio Florido**

Diretor Cultural:

**Araguaí García**

Diretor de Patrimônio:

**Lelé Arantes**

Conselho Fiscal:

**Norma Vilar**

**Sérgio Vicente Mota**

**Jocelino Soares**

**Vera Márcia P. Milanese**

Conselho Editorial:

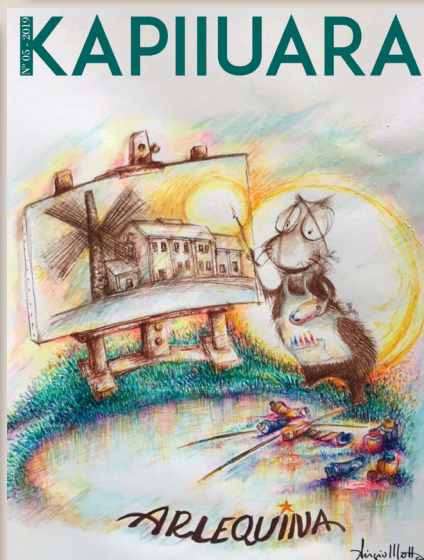
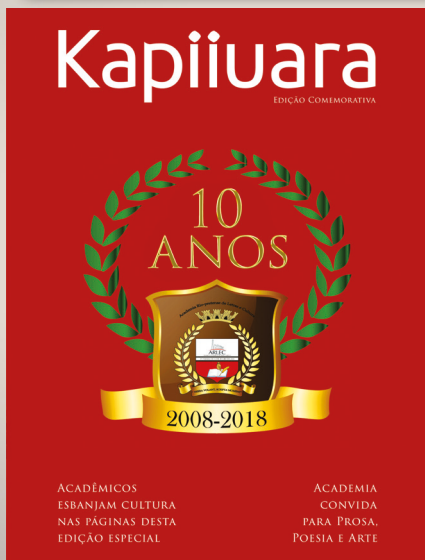
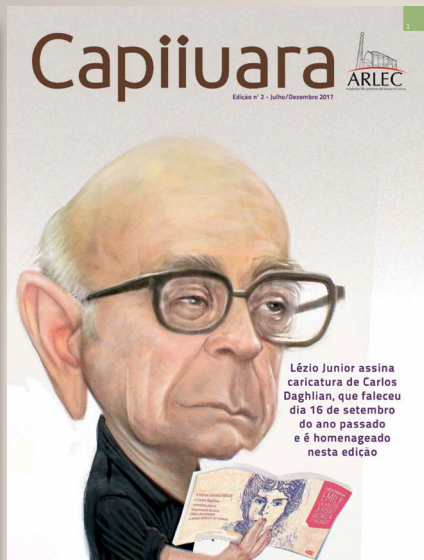
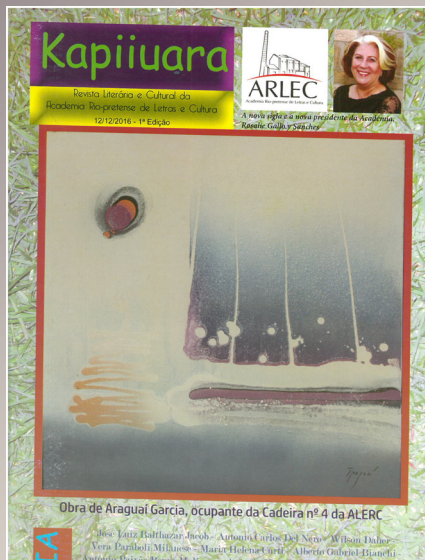
**Cecilia Demian**

**José Luiz Balthazar Jacob**

**Sérgio Vicente Motta**



# Otras edições



<https://arlec.com.br/kapiiuara/>

# Sumário

## ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

### LEMBRANÇAS

Accacio de Oliveira Santos Junior.....6

## ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

### O POEMA QUE NÃO QUERIA TER SIDO ESCRITO

#### ME DEIXEM MORRER

#### NÃO QUERO MAIS O QUE UM DIA QUIS

Melissa Furlan Venturini.....7

## ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

### SUA PAIXÃO É PINTAR MUROS

Cecília Demian.....8

### MINHA MEMÓRIA DESTRUÍDA

Humberto Sinibaldi Neto .....10

### ÁGUA DO RIO GRANDE

Samir Felicio Barcha .....13

### A CASA DA TORRE DE GARCIA D'ÁVILA

Lamartine de Andrade Lima .....15

### VOCÊ CONHECE AS CAUSAS?

Antônio Florido.....19

### IN MEMORIAM

#### NÃO DIGO

Sérgio V. Motta .....22

### LOUCURA, LOUCURA

#### Ou

### POEMA PARA OS AUSENTES

Patrícia R Buzzini .....23

### PEDRAS PISADAS / RESPIRAR / EXERCÍCIO DE PRAZER

#### VIDRO / MATRIZES

Angelo Soares Neto .....24-25

### POESIA

Vera Paráboli Milanese .....26

### FOTOPOESIA

Rosalie Gallo y Sanches .....28

### PRIMEIRA EXPOSIÇÃO VIRTUAL DE ARTE DA ACADEMIA RIO-PRETENSE DE LETRAS E CULTURA (ARLEC)...

Patrícia Reis Buzzini.....30

### EM LISBOA E NOS ARREDORES

Antônio Manoel Santos Silva.....34

### ONDE SE ESCONDE O ESCRITOR?

Rosalie Gallo y Sanches .....35

### JACOMELLI - O POETA DA SIMPLICIDADE

Persio Marconi .....38

### No OLIMPO, COM RACHEL DE QUEIROZ (1910 – 2003)

Hygia Therezinha Calmon Ferreira .....40

### UM ANJO REVESTIDO DE ARTESÃ

Loreni Fernandes Gutierrez .....42

### OS PÁSSAROS DO MEU SERTÃO

Alberto Gabriel Bianchi .....44

### EU ERA FELIZ

Waldner Lui .....46

### MANDELA, EU E O JARDIM

Elma Eneida Bassan Mendes .....48

### TODAS AS CORES DO SANGUE

Paulo Cesar Naoum.....50

### DEPRESSÃO E CRIAÇÃO

Wilson Daher .....52

### A VACINA É BEM PÚBLICO GLOBAL?

Eudes Quintino de Oliveira Júnior .....54





# E ditorial

A Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (Arlec) apresenta com alegria e o prazer de mais um trabalho concluído a edição número seis de sua revista semestral *Kapiiuara*. Agora em formato digital, a revista se junta às edições anteriores no site da Academia: [www.arlec.com.br](http://www.arlec.com.br). Os acadêmicos aderiram rapidamente ao novo meio e souberam aproveitar a oportunidade com participação expressiva, em muitas modalidades criativas, extensivas aos convidados especiais.

Um panorama do conteúdo pode ser agrupado em duas amplas formas de expressão, verbal e visual, por meio das quais se apresentam textos dos mais variados gêneros.

No sistema verbal, a poesia reúne uma produção refinada, que reflete em vários tons e caminhos, como as possibilidades líricas sempre surpreendem e encantam. O seu contraponto, a prosa, oferece uma contribuição mais numerosa, com textos que fiam uma rede bem variada de elaborações discursivas, contemplando, no campo da literatura, a crônica, o conto, a crítica, a homenagem e o memorialismo; na ampla área da ciência, da história e da pesquisa, artigos e textos informativos, cujo teor científico é apresentado criativamente com o fino tempero de um saber experiente e cumulativo, que só uma revista com essas características e uma associação acadêmica que transita pelos mais variados campos do conhecimento e da arte permitem.

No sistema visual, que muito se beneficia das vantagens do meio virtual, o destaque é uma amostragem da exposição “Intermitências”, reunindo artistas plásticos acadêmicos. A exposição completa encontra-se no site da Academia e de forma presencial na galeria de arte da acadêmica Norma Villar.

As tradicionais páginas de convidados apresentam autores especiais, que ajudam a compor e ampliar o potencial literário e artístico da edição. A “Academia convida para poesia” traz a jovem poeta Melissa Furlan Venturini, que faz sua estreia em publicação.

“Para prosa,” o convidado é o escritor rio-pretense e membro honorário da Academia, Dr. Acácio de Oliveira Santos Júnior, promotor público aposentado que nos presenteia com uma belíssima crônica. A “Academia convida para arte” o pintor conhecido como

o “Profeta das Cores”, uma espécie de lenda na história visual da cidade, com suas intervenções em muros e telas marcantes, transitando pelos gêneros primitivista, expressionista e surrealista, com cores fortes e vibrantes que justificam o seu pseudônimo. Outro convidado especial é o acadêmico Lamartine de Andrade Lima, nosso correspondente de Salvador, Bahia, com excelente artigo de conteúdo histórico.

Dos nossos acadêmicos, participam com poesias originais, nos padrões e domínios de suas já consolidadas poéticas: Ângelo Soares Neto, Antônio Manoel dos Santos Silva, Patrícia Reis Buzzini, Rosalie Gallo y Sanches, Sérgio Vicente Motta e Vera Márcia Paraboli Milanese.

Em prosa literária, as crônicas abrem um leque memorialístico com referências pessoais à infância e delicadas homenagens nos textos de Alberto Gabriel Bianchi, Elma Eneida Bassan Mendes, Hygia Therezinha Calmon Ferreira, Persio Marconi e Waldner Lui. Humberto Sinibaldi Neto apresenta capítulo de uma monografia, que pode ser lida na moldura de crônica. O conto é contemplado no estilo da escritora Loreni Fernandes Gutierrez, que se vale de elementos arquetípicos como base de sua ficção. Como fecho, um sempre bem-vindo texto de crítica e teoria literária de Rosalie Gallo y Sanches, versando sobre o papel do escritor e o seu fazer criativo.

Em forma de artigos, há os que trilham pelas veredas das ciências, revelando curiosidades, conhecimentos e informações em que a sisudez acadêmica dá lugar a uma prosa pensada como uma escritura criativa e receptiva a um público geral. Estão nessas formulações, com seus conhecimentos específicos e contribuições especiais, os acadêmicos Antônio Florido, Eudes Quintino de Oliveira, Paulo César Naoum, Samir Felício Barcha e Wilson Daher.

Nas artes plásticas, a referida mostra da exposição “Intermitências”, idealizada pela acadêmica e curadora Patrícia Buzzini, nos contempla com

obras em diferentes suportes, materiais e formatos em altíssimo grau de expressão artística. Dentro de cada um de seus estilos e trajetórias consagrados, Araguaí Garcia apresenta pinturas em técnicas mistas, explorando uma interface entre o figurativo e o abstrato e esculturas em cerâmica. Norma Villar participa com artísticas esculturas de figuras humanas, em cerâmica. A artista Maria Helena nos encanta com as cores, movimentos e delicadeza de suas aquarelas. O pintor e escritor Jocelino Soares apresenta telas de seu rico e bellissimo repertório com girassóis e cenários depurados na cultura regional. O premiado cartunista Lézio Júnior, que também assina a capa da revista, expõe caricaturas de astros e personalidades do universo da cultura de massa.

Devemos lembrar também na realização deste número da competente coordenação geral dos trabalhos e revisão de textos pelo diretor cultural Araguaí Garcia e jornalista Cecília Demian.

Grato aos participantes desta edição. Quem nas próximas venham mais acadêmicos e convidados para tornar a Kapiiuara cada vez mais forte, representativa e significativa na vida da ARLEC.

Agradecemos também a você, leitor, por nos honrar com sua atenção.

## Conselho Editorial





Academia convida para

# P

## rosa

## Lembranças

Accacio de Oliveira Santos Junior

Membro honorário

*“Quem já passou por esta vida  
e não viveu.*

*Pode ser mais, mas sabe  
menos do que eu,*

*Porque a vida só se dá a  
quem se deu,*

*A quem amou, a quem  
chorou, a quem sofreu.”*

(Vinicius de Moraes)

Cada um tem suas crônicas a narrar, se assim o ajudar “engenho e arte”, relatando-as para deixá-las a seus descendentes e amigos as aventuras e impressões vividas, ou para fazer sua catarse. Caso estas não sirvam de exemplos a outros, ao menos mostrarão a mim, como reprise, um filme já visto.

Olhando para o passado, do alto de meus oitenta e sete anos, posso concluir que minha vida foi emocionante, única, se considerada do ponto de vista de quem a viveu intensamente, mas nunca monótona, situação que jamais conheci. Não só o trabalho, mas também a ociosidade, os esportes, e sobretudo o amor – sim, amei muito, fui amado e esse sentimento continua a desempenhar papel fundamental em minha vida, agora que meus netos e um bisneto me cercam de carinho, como igualmente as viagens que empreendi, as pessoas que conheci, os livros que li – não foram poucos,

os bancos escolares pelos quais passei, as religiões que ensinaram, os professores que tive, os amigos que me acompanharam e as experiências sentidas pessoalmente, de alma intensa.

Teria valido a pena? Como nunca pedi muito à vida, vendo-os apenas como uma peça onde busquei desempenhar meu papel representando um texto que não escrevi sozinho, mas ter sido o protagonista, responsável por aclamações, ora pelas vaias, posso responder afirmativamente sim, valeu a pena! Lamento apenas por alguns “erros” que não tive coragem de cometer. E me vêm à lembrança os versos do escritor americano Don Herold, atribuídos equivocadamente ao argentino Jorge Luís Borges:

### Instantes

*“Se eu pudesse viver novamente minha vida,*

*Na próxima, trataria de cometer mais erros,*

*Não tentaria ser mais perfeito, relaxaria mais,*

*Seria mais tolo do que tenho sido.*

*Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério”.*

Bem, sinto que estou a me afastar de meu propósito que é simplesmente elaborar uma crônica a pedido de meu bom amigo Bianchi, e não elaborar a história de minha vida. Foram as simples lembranças que induziram a rabiscar o presente texto. Grato por sua atenção.



# Poesia

Convidada  
**Melissa Furlan Venturini**

## O poema que não queria ter sido escrito

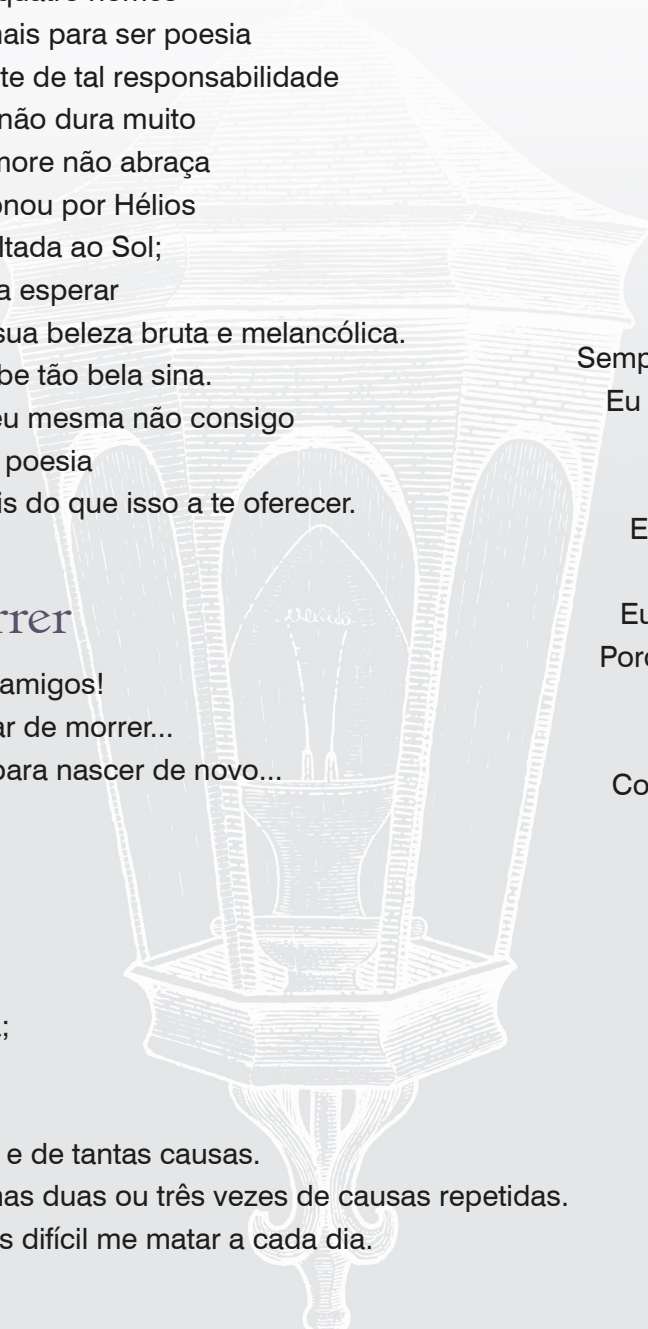
Me perdoe poeta de quatro nomes  
Se sou pequena demais para ser poesia  
Se me acovardo diante de tal responsabilidade  
Um girassol no vaso não dura muito  
E uma musa de mármore não abraça  
A ninfa que se apaixonou por Hélios  
Segue com a face voltada ao Sol;  
E os pés enraizados a esperar  
Permanece só, com sua beleza bruta e melancólica.  
Lamento, mas me cabe tão bela sina.  
Não tente entender, eu mesma não consigo  
Juro que tentei fazer poesia  
Porém não tenho mais do que isso a te oferecer.

## Me deixem morrer

Escutem bem, meus amigos!  
Não me deixem deixar de morrer...  
É disso que preciso para nascer de novo...  
Já morri de amor;  
Já morri de dor;  
Já morri de medo;  
Já morri de tristeza;  
Já morri de desejo;  
Já morri de vergonha;  
Já morri de rir;  
E já morri de chorar...  
Já morri tantas vezes e de tantas causas.  
Acho que já morri umas duas ou três vezes de causas repetidas.  
Mas está ficando mais difícil me matar a cada dia.  
E isso me assusta...

## Não quero mais o que um dia quis

Eu não quero ser seu amor  
Deus me livre desse rótulo  
Eu quero ser seu sábado à noite  
Eu quero ser o brilho no seu olhar  
Ao me ver chegar  
Eu não quero ser sua mulher  
Nunca quis esse título  
Eu quero ser seu sorriso  
No domingo de manhã  
Eu quero ser o arrepio  
Sempre que eu te tocar  
Eu não quero um anel  
Me livre dessa algema  
Eu quero ser o encontro  
Sempre que sentirmos saudade  
Eu não quero seu sobrenome  
Já tenho minha identidade  
Eu quero ser seu suspiro  
Eu quero ser a gota de suor  
Nas suas costas  
Eu não quero nada definitivo  
Porque tudo é impermanência  
Eu quero ser o impulso  
Eu quero ser a despedida  
Com a esperança de retorno.  
Eu não quero nada  
Mas quero tudo.







## Sua paixão é pintar muros

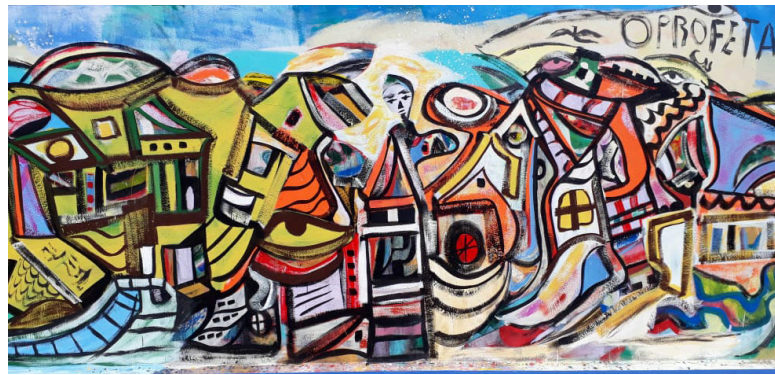
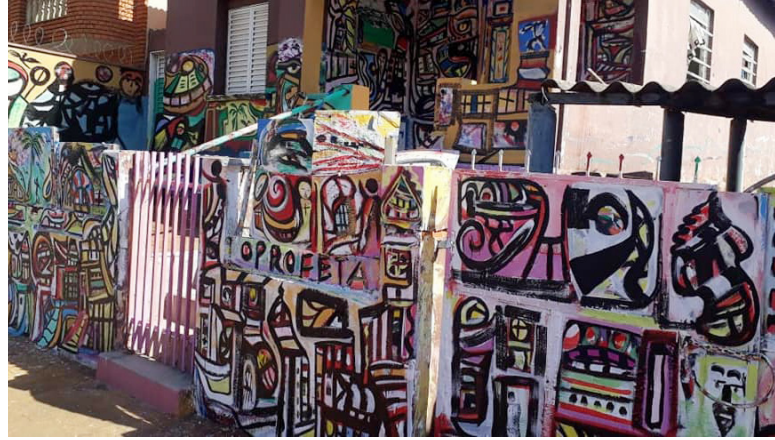
**Cecília Demian**

Jornalista - Cadeira nº 6



Artista de rua, libertário e criativo, Antônio da Silva Nascimento é conhecido como Profeta das Cores e já cobriu os muros e fachadas de São José do Rio Preto de desenhos vibrantes e loucos, alguns com nexos, outros bem viajandões. Uma figura grandemente popular. Sem casa própria, vagava pela cidade com uma lata de tinta na mão, sempre patrocinado por algum empresário ou dono de escola que financiava seu trabalho e mantinha o pouco da sua dignidade. De dia, pintava. À noite, dormia em imóveis abandonados no centro da cidade. Há um ano, emprestaram-lhe uma casa no bairro Bancários, casinha modesta mas de alvenaria, telhado forte, portas e batentes de bom material, enfim, um lar pra dividir com seus dois viralatas. Imediatamente, ele coloriu as paredes internas e externas com seus desenhos delirantes e divertidos. Um estilo de arte pictórica. Dizem que ele é um gênio do abstracionismo, mas ele mesmo não se classifica em nada. É famoso, celebrado por intelectuais da cidade. Em 1995, o diretor Leopoldo Nunes fez o curta-metragem “Profeta das Cores” contando sua história, e o filme de 28 minutos foi vencedor do Festival de Cinema de Brasília como o melhor documentário nacional, no mesmo ano de 1995.





Profeta nasceu em Botucatu em 1942 e antes de a pintura entrar na sua história, ele passou por orfanato, casa de detenção, penitenciária e Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Franco da Rocha. Ficou 22 anos internado no manicômio judiciário por conta de um pequeno furto. Ganhou a liberdade aos 42 anos. Esse conflituoso passado mental talvez explique o seu estilo de pintura. Suas roupas são peculiares, compradas a 1 real em modestos brechós, no estilo sujou-jogou-fora. O figurino diário é complementado por imensos chapéus

desenhados e pintados por ele, sem critério e sem perdão. Às vezes, um boné maluco, outras vezes um quepe desbotado. Inseparáveis são seus óculos escuros, grandes, enormes, negros, que ocultam quase todo o seu rosto magro. Profeta é um homem magérrimo, vértebras à mostra, troca quadros pelo almoço do dia, mas está sempre sorrindo. Para manter sua arte, ele ganha tintas de duas grandes lojas especializadas da cidade. O último projeto que participou foi o Cidade Inquieta, do Sesc, em 2015, com outros artistas plásticos.





# Memória

*Quando a Rosalie ligou solicitando um artigo para que fosse publicado na KAPIIUARA, fiquei pensando o que escrever. Pensei, pensei e vieram à mente alguns artigos dos amigos Romildo, José Luis Rey, Jocelino, Wilson Daher e Lelé, em que eles narravam “causos” acontecidos na infância e juventude. Então veio a ideia de reescrever um capítulo publicado no meu TFG de Arquitetura, que acho que vale a pena ser publicado, pois tem muito a ver com aqueles lidos no jornal Diário da Região.*

## Minha memória destruída

**Humberto Sinibaldi Neto**

*Arquiteto, teatrólogo - Cadeira nº 30*

Hoje, acordei com uma saudade danada dos meus tempos de criança, essas coisas que a gente não sabe explicar. Tomei meu costumeiro café da manhã, uma boa taça de iogurte com granola diet, é claro, uma xícara grande de café com raspas de limão. Dei até logo para o pessoal de casa, peguei a máquina de tirar retrato, também conhecida pelo nome de câmera fotográfica, coloquei-a a tiracolo e fui para a cidade, em busca da minha infância perdida.

Coincidentemente, eu precisava registrar algumas fotos de edificações para fazer parte do meu T.F.G (Trabalho de Final de Graduação). Comecei então a minha andança pelo centro e percebi que muita coisa havia mudado. A Praça Rui Barbosa, que outrora servira de lugar para brincar quando criança e para paquerar quando adolescente não era mais a mesma. Olho de lado e a emoção vem até minha boca, lá está o Cine Rio Preto, onde todas as quartas, ia com meu avô assistir aos filmes de bang bang e acompanhar os seriados: Perigos de Nioka, Fu Man Chu, as deliciosas comédias do

Gordo e Magro, Charles Chaplin, as chanchadas da Atlântica, os desenhos animados Tom e Jerry, a Paixão de Cristo e muitos outros que povoaram nossa infância e adolescência. Que bom! Hoje, o local é o Praça Shopping, a fachada lá está, imponente. Fecho os olhos e me vejo na sacada do primeiro andar, onde por muitas vezes ali estive principalmente por ocasião do meu baile de formatura da 4ª série do curso ginásial, pois ali funcionava o Clube dos Bancários.





Volto à realidade, e caminho como um menino até a Praça da Matriz. Mas onde está a Igreja Matriz? Foi lá que fiz minha primeira comunhão, assistia às missas todos os domingos às 10h e de onde, às 11h, partíamos para a sessão ZIG ZAG do Cine Rio Preto. Sinto um aperto no coração e a sensação de vazio toma conta de mim.

Frustrado, sigo em frente e paro diante da Praça Dom José Marcondes. Mais decepção! Cadê aquela exuberante fonte luminosa? Onde estão os caramanchões floridos da primavera e os canteiros sinuosos repletos de flores?

Vejo agora uma praça de passagem, fria, sem emoção. Ela é grande, mas passa despercebida diante dos olhares dos pedestres que por ali passeiam, Para minha alegria ao fundo da praça lá está o Hotel Terminus, palco de grandes reuniões de entidades de classe, políticos e os grandes banquetes em homenagem aos governadores e presidentes que por aqui passavam, e também frequentado por alguns garotos, inclusive eu, amigos de infância do Decinho Lopes dos Santos, filho do seu Antonio Lopes dos Santos, dono do Hotel.

Do fundo do quintal olhávamos para a Estação de Trem e ao lado direito víamos as imponentes escadarias que davam acesso à Praça da Estação para quem vinha pela Rua Voluntários. Que pena, em nome do progresso ela foi destruída, mas não apagada em nossa mente.

Vejo com bons olhos o edifício que foi sede de uma das mais importantes revendas de carros, a Ford.

Paro por aí, não me atrevo ir mais além, tenho a certeza de que não verei mais a Estação de Ferro, as imponentes escadarias, palco de grandes acontecimentos, como a chegada dos atletas nadadores do antigo Palestra Esporte Clube, 10 anos vencendo os torneios de natação nacional e internacional, a chegada lúdica todo dezembro do Papai Noel, figura que fez parte da minha infância e continua ainda a povoar os sonhos das crianças.

Retorno pela Rua Voluntários de São Paulo e não identifico mais aqueles quarteirões repletos de

casarões que tinham muitas histórias para contar. Como por exemplo, a casa do Dr. Selman Nazareth em cuja sacada o presidente Getúlio Vargas e governadores faziam seus discursos por ocasião de suas visitas à cidade.

Na confluência com a Rua Silva Jardim sinto falta do pomposo prédio do antigo Rio Preto Automóvel Clube, onde passei muitos anos de minha adolescência desfrutando suas dependências nos grandes bailes e festas.

Sou teimoso e sonhador, tenho a certeza de que logo mais no próximo quarteirão vou ver o sobrado da família Buchala, onde morava Dona Anita, professora e diretora do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, e também o prédio do Grupo Escolar Cardeal Leme, nossa, que bela edificação, imponente solto em todo o terreno da quadra. Ali guardo recordações das minhas primeiras professoras e dos amigos que deixei. Chego com a ansiedade dos meus 7 anos de idade, mesma ansiedade que sentia nos primeiros dias de aula. Chego correndo, e infelizmente só sobrou o sonho, a doce lembrança, os prédios desapareceram como por encanto diante dos meus olhos. Choro de saudade e tristeza, enxugo as lágrimas.

Tenho que continuar quem sabe logo mais abaixo ainda vou ver o prédio da cadeia antiga, que parece um pequeno castelo. Chego ressabiado como sempre passei, com medo de que algum fugitivo pudesse me raptar como todos nós, garotos, pensávamos.

Não vejo nada, apenas mais uma vez saudade, mas que desta vez é suavizada quando vejo a Livraria Martins, assim como era outrora. Que bom, me emociono mais uma vez.

Decidido continuo pela Rua General Glicério até a confluência da Rua Silva Jardim em busca do casarão onde nasci e vivi até os meus 18 anos, vejo então apenas um prédio de grande porte, mais uma vez me emociono e sinto uma lágrima solta pela minha face, respiro fundo e resolvo fazer a pé o mesmo percurso que fazia diariamente, pela ma-





nhã até ao Monsenhor Gonçalves durante 7 anos até o segundo ano do científico.

Chego bem devagar, estava muito quente e eu não tinha a mesma idade fisicamente, mas emocionalmente sentia as mesmas sensações de caminhar, como fazia com meus amigos indo e vindo diariamente.

Lá está ele graças a Deus! Imponente, cheio de vida e de muitas boas lembranças de uma juventude sadia, responsável e acima de tudo atuante. Sinto um grande alívio e uma alegria que invade minha alma, fecho os olhos, como um filme passa em minha cabeça, todos aqueles momentos vividos parecem reais.

Sinto um alívio, e uma energia faz com que eu retorne na peregrinação em busca da minha memória perdida. Faço o caminho inverso na ânsia de encontrar aquele cenário que muitas vezes serviu de testemunha para as minhas traquinices. Quase chegando à Avenida Bady Bassit, que não chamava assim naquela época, tento olhar para dentro do alpendre da casa do meu grande amigo Romeo Fava, uma inteligência rara, talvez hoje com seus 90 anos, mas com um espírito tão jovem como o nosso, dono de uma biblioteca musical de fazer inveja aos grandes colecionadores de disco de jazz da época. Que pena, Romeo só existe na lembrança e na saudade.

Apresso meus passos, pois a tarde já estava findando e eu tinha muito que investigar ainda, passo rapidamente pela confluência da Silva Jardim com a Bernardino de Campos a principal rua do centro, olho para a direita e ali está o edifício do Cine São Paulo, uma sala sofisticada, frequentada na época pela elite adulta, que saudade!, mas o prédio está lindo e charmoso, paro, respiro e tenho a certeza

de que virando para a direita vou ver a Casa Bueno, a grande loja de departamentos, mas que decepção, também como tantas outras foi sacrificada.

O ritmo da minha caminhada é acelerado, passo em frente do prédio da ACIRP, que satisfação!, ainda resiste. Chego à esquina da XV de Novembro, olho a casa da esquina que pertencia na época ao pai do Roberto da Ótica, assim chamado pois seu pai era dono de uma ótica anexo à Casa Bueno e também para diferenciar do Roberto Barbatto e outros mais Robertos, meus amigos.

Só faltam mais alguns metros para eu chegar ao Mercado (Mercado Municipal), famoso não só pela sua arquitetura, mas sobretudo por abrigar as melhores pastelarias do Brasil. Que delícia estar dentro daquele local aconchegante. Saboreio um pastel, como sempre fazíamos, na saída das brincadeiras dançantes e principalmente nas saídas dos bailes de carnaval, após saborear 3 até quatro pasteis, tomávamos uma bela vitamina e íamos embora todos, cada um para suas casas, distantes não muito mais do que cinco quarteirões dali.

Volto à realidade, e mais uma vez penso ainda em quantos outros edifícios que marcaram a minha geração permanecem apenas na memória dos que ainda vivem.

Sinto falta de tudo o que foi destruído, ferido e inconformado como muitos rio-pretenses, com o descaso do poder público e do Comdephact, em relação à preservação de nossa história e do nosso patrimônio. Sei que o progresso e a modernidade são fundamentais para a evolução de uma cidade, de um estado e até mesmo do país, mas não se pode em nome desse progresso, desta modernidade, destruir a memória de um povo e levá-los a buscar a memória destruída.

# Artigo

## Água do rio Grande

**Samir Felício Barcha**

*Professor, escritor, diretor técnico do Laboratório de Geologia Ambiental (GEA)  
Cadeira nº 5*

Pela primeira vez nos últimos anos, o Sema adotou o racionamento de água no sistema de abastecimento da cidade. Em razão da forte e prolongada estiagem, a vazão do rio Preto caiu consideravelmente e os poços do aquífero Bauru também registraram queda no volume de água extraído.

O rio Preto representa 22 a 25% do total de água do sistema e o aquífero Bauru quase 50%. O aquífero Guarani, representado pelos poços profundos, além de 1000 metros, não sofre interferência da seca, mas sua produção está condicionada a outros fatores.

Assim de um modo geral, o abastecimento e água da cidade está escorado nos aquíferos Bauru e Guarani (juntos produzem 75% do total) e no rio Preto (25%).

O rio Preto não tem possibilidade de aumentar sua oferta. A lei diz que apenas 25% de sua vazão média podem ser utilizados e, falar em dragar a Represa para aumentar a oferta de água é uma tremenda bobagem. O que importa é a água que entra e não a que é armazenada no lago.

O aquífero Bauru já virou um paliteiro. Cerca de 4 mil poços particulares e 352 poços do Sema extraem água a uma velocidade bem maior do que a recarga natural. A longo prazo, esse tipo de exploração funciona como uma bomba-relógio; só vai explodir lá na frente. Portanto, falar em ampliar a oferta de água a partir desse aquífero, para atendimento da crescente demanda nos próximos anos é muito temerário.

O aquífero Guarani finalmente possui bastante água, mas a recarga é muitíssimo lenta. Os estudos com datação radioativa mostram que suas águas em nossa cidade possuem idades de 300 a 350 mil anos. Isso mesmo, mil anos. Isso significa que a água que se extrai hoje será substituída, através do processo de recarga, cuja duração é da ordem acima mencionada. Conseqüentemente, sua exploração não pode continuar como a atual. Tudo funciona como se fosse uma mina de um minério qualquer. Quanto mais se extrai, menor será a vida útil dessa mina que acabará um dia.

O aquífero já mostra sinais preocupantes: numa primeira constatação, em 10 anos, o rebai-



xamento do nível dinâmico dos poços ultrapassou mais de 30 metros.

Com equipamentos modernos de monitoramento, o Semae constata que, quando funcionando intensamente, os poços mostram rápido rebaixamento, demonstrando necessidade de ou reduzir a vazão ou o tempo de funcionamento.

Concluindo, falar em aumentar o volume de água extraído nestes moldes também é temerário. Esse aquífero deve ser utilizado apenas como reserva estratégica.

Atualmente, o sistema de abastecimento é suficiente para atender a demanda, com pequena sobra. Mas o que se verifica é uma demanda crescente, resultante do crescimento das atividades consumidoras de água da cidade e do próprio crescimento da cidade. O consumo per capita/dia ultrapassa 300 litros; é um consumo enorme, fora de todos os padrões.

Em 2050 a população de Rio Preto vai estar beirando a casa dos 700-800 mil habitantes. Mais pessoas, mais atividades, maior demanda de água. Veja como a cidade cresce na sua periferia. Nos próximos anos, o sistema poderá suportar esse aumento, não porém num futuro mais distante. Um administrador prudente e responsável não poderá postergar a busca de novas fontes alternativas de água. O rio Preto, como vimos, está descartado. O Bauru, após pequeno aumento da sua oferta, deixará de ser fonte confiável. O Guarani, por sua vez, deverá continuar como reserva estratégica, utilizada apenas em situações emergenciais.

O que sobra então como fonte alternativa viável? O Turvo, o Tietê e o São José dos Dourados estão descartados por razões óbvias. Resta ape-

nas o rio Grande. Não há, para nós, outro meio de produzir novos e grandes volumes de água que a demanda futura exigirá.

Aumentar a eficiência do sistema de distribuição com redução de perdas, desassorear a Represa são medidas paliativas, com resultados imediatos, mas sem reflexo a médio e longo prazo. Debruçar-se sobre elas agora tão somente significa atrasar a solução definitiva.

O aproveitamento de água do rio Grande depende de outorga concedida pela ANA - Agência Nacional das Águas. O Semae já possui esta outorga, mas terá de sustentá-la através de um projeto consistente que comprove a viabilidade técnica e financeira desse aproveitamento. O projeto já está praticamente pronto. O próprio Semae tem condições de assumir o financiamento que o empreendimento requer.

É importante ter todas estas garantias em mãos, pois como o Semae, muitas cidades às margens do rio Grande já estão voltando os olhos para aquele recurso hídrico.

Tem preferência quem chega primeiro.

Com a disponibilidade dessa fonte hídrica, o Semae poderá adotar um regime de produção de água subterrânea capaz de permitir aos poços do Bauru um tempo maior de recarga, minimizando os problemas e aumentando sua vida útil. Além disso, melhorias na Represa, proteção do rio Preto e demais cursos d'água, redução de perdas poderá ser concretizada efetivamente.

O que não se pode admitir é ficar adotando medidas paliativas, remendando aqui e ali, retardando a solução definitiva. Não podemos ser pegos com as calças na mão.

# Artigo

## A Casa da Torre de Garcia D'Ávila

*Lamartine de Andrade Lima*  
Correspondente, Salvador/Bahia

Existem alguns fatos importantes da História do Brasil que inexplicavelmente não são ensinados em nossas escolas, para conhecimento da geração de crianças que está em formação para ser futuros cidadãos e cidadãs.

Um deles é sobre o verdadeiro descobrimento do Brasil, no primeiro mês do último ano do século 15; outro é sobre as casas senhoriais que, a partir do século 16, foram donas de grande parte do atual território nacional, responsáveis por uma parte da configuração geográfica e da formação do povo e dos costumes do interior do nosso País, pertencentes aos dois clãs mais notáveis da época – os Ávila e os Guedes de Brito – que mais tarde dariam dois importantes pares do Império – o Barão da Torre e o Conde da Ponte –, e que participaram das lutas contra os invasores holandeses, depois pela Independência do Brasil e finalmente para a vitória nacional na Guerra do Paraguai.

Começemos pelo princípio, e após focalizaremos especialmente a Casa da Torre.

No final do século 15, no mês de janeiro do ano de 1500, a expedição náutica de um capitão

que fora piloto da frota de Cristóvão Colombo na descoberta das Américas no ano de 1492, o espanhol comandante Vicente Yañez Pinzón, singrou a costa do nosso território Nordeste Setentrional. Alcançou o acidente geográfico depois denominado Cabo de Santo Agostinho, no litoral do atual Estado de Pernambuco, onde esteve sem haver reivindicado o mérito da sua descoberta para a Espanha, embora houvesse procedido todo o registro do fato no diário de bordo.

Três meses depois, em abril de 1500, outra expedição oceânica de treze caravelas, chefiada pelo português Senhor de Belmonte e Alcaide-Mor de Azurara Pedro Álvares Cabral, a serviço do Rei de Portugal D. Manuel I, chegaria pela costa brasileira ao Nordeste Meridional, no atual município de Porto Seguro, no litoral da Bahia. Lá ele fincaria o marco de pedra chanfrada com as Quinas Portuguesas, tomaria posse da Terra da Vera Cruz e oficialmente se tornaria o descobridor do Brasil.

Meio século mais tarde, no ano de 1549, houve a chegada da Armada Portuguesa à hoje Praia da Barra, na entrada da Baía de Todos os Santos,







trazendo o primeiro Governador-Geral do Brasil, Tomé de Souza e sua grande comitiva, em cinco naus, duas caravelas e um bergantim. Trazia mil pessoas, entre oficiais, marinheiros, soldados, funcionários públicos, famílias, jesuítas sob as ordens do Padre Manuel da Nóbrega, criados, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, serradores, peões, estribeiros, tratadores e 500 degredados para os trabalhos braçais, mais diversos animais de monta, tração e criatório, toda aquela gente preparada para sediar-se inicialmente na Cidade do São Salvador da Bahia de Todos os Santos, prontos para ocupar a terra e construir oficialmente a primeira cidade da Colônia do Brasil, que duraria como Capital cerca de dois séculos e meio.

Na Bahia, o Governador-Geral foi muito ajudado por um líder branco que existia entre os indígenas, chamado Caramuru ou simplesmente Caramuru, o nome local de Diogo Álvares Correia, nascido em 1475 em Viana do Minho, Portugal, náufrago que deu na praia baiana do Rio Vermelho no ano de 1510. Casou-se com a índia Guaibimpará, nascida em 1503, filha do cacique tupinambá Taparica, batizada cristã no mesmo dia do seu espousal como Catarina Álvares Paraguaçu. Seu último nome significa “baía grande” e o prenome em homenagem à Catharine des Ganches, esposa do amigo de Caramuru, o explorador náutico Capitão Jacques Cartier, bretão, descobridor do Rio São Lourenço e do Estreito com seu nome na península do Labrador, no Canadá, também do Triângulo das Bermudas, vizinho do Mar do Caribe, no Oceano Atlântico, e contrabandista de pau-brasil para a Europa, quem conduziu no seu navio o casal para uma temporada no velho mundo. Em 1528 aconteceram o batismo e as núpcias na Catedral de Saint Malo, Bretanha, França.

Com o primeiro Governador-Geral do Brasil Tomé de Souza veio, sem ser oficialmente declarado, por motivo das leis reais de então não permitirem benesses para a família do governante, o seu filho Garcia de Souza. Como saiu diretamente das

terras dos seus ancestrais, a Vila de São Pedro de Rates, na Póvoa do Varzim, entre os rios Minho e Douro, na Costa Norte de Portugal, ele veio com o nome de Garcia da Vila, ou melhor d'Ávila, e logo foi nomeado feitor e almoxarife da Cidade do São Salvador e recebeu dotação de terras para começar o criatório de animais na Península de Itapagipe, junto da capital, ponto inicial da sua expansão.

O empreendimento de Garcia d'Ávila, com o avançar dos anos, penetraria para o interior, começando a beirar os rios do litoral para o Norte e chegaria a boiada até Tatuapara, no atual município baiano de Mata de São João. Lá seria erguida, pelos braços de cativos indígenas, a Casa da Torre com a Capela de Nossa Senhora da Conceição, o único marco feudal que ainda resta em nosso País, ponto de onde continuaria por tanto tempo quanto o Renascimento – três séculos – expandindo os campos de gado, povoando pela mestiçagem, inicialmente com índios de várias tribos escravizados e depois com africanos trazidos escravos, a terra brasileira com mamelucos e mulatos, implantando suas experiências e seus costumes desde a Capitania da Bahia para bem mais além, para o interior do Nordeste e do Norte.

Inicialmente sob a supervisão do seu primeiro proprietário, e com as ampliações sucessivas, desde 1551, houve a construção em estilo manuelino do Forte do Castelo da Torre de São Pedro de Rates de Tatuapara, homenagem à terra portuguesa de sua origem, em uma colina sobre a enseada daquele último nome, erguida próxima de uma aldeia indígena e da foz de um pequeno rio, em alvenaria de pedra e cal. Havia fortificação em volta de um pátio de armas com uma torre de vigia e sinalização por fogueira, capela, casa grande assobradada de três pisos de moradia, com defensas em seteiras, tendo ao lado alojamentos para os vaqueiros, a criadagem e estrebaria. Constitui atualmente uma particularidade especial de sítio arqueológico, construído que foi desde meados do século 16 até meados do século 19 nas ime-

diações da atual movimentada e turística Praia do Forte, no município de Mata de São João, a 85 quilômetros da Cidade do Salvador, Capital do Estado da Bahia.

A Casa da Torre foi erguida um século depois do fim da Idade Média, e é hoje o único exemplar arquitetônico guardando modelo medieval no Continente Americano. É sede de um morgadio que perdurou por mais de 300 anos no seu imenso território penetrado de milhares de quilômetros adentro pelos sertões, que se estendeu numa enorme área de dez por cento de toda a colônia sul-americana portuguesa, desde o litoral da Bahia, utilizando a enorme extensão de terras para vastíssimo criatório de animais de corte e tração, plantio de cana-de-açúcar a moer nos seus engenhos, busca de depósitos naturais minerais de ouro, prata, pedras preciosas e semipreciosas, extração de salitre das suas minas encontradas nas barrancas onde o gado ia lamber o sal, passando a abrir, seguindo para a nascente do Rio de São Francisco, o chamado Caminho da Bahia para Minas Gerais.

No sertão das Gerais confrontou-se com os in-

teresses da Casa da Torre, dona daquele território, onde houve luta que foi vencida pela força dos estampidos do trabuco, do arcabuz, da pederneira, da cravina boca de sino, da colubrina, da ronqueira, seguidas do facão e da adaga da Casa da Torre. Esta se tornou a grande abastecedora de alimentos para a região mineira, sem prejudicar a sua própria expansão para o Norte do Brasil, os bandeirantes dos Ávila desbravando caminhos a ferro e fogo, massacrando os indígenas e os opositores, depois os concorrentes e os rivais, e ultrapassando os cerca de cinquenta rios, povoando de mestiços aquelas terras setentrionais, estendendo-se pelo Piauí até alcançar as margens do Rio Tocantins em pleno Maranhão, através das florestas, matas, caatingas e desertões, logo chamados sertões, e por outras capitânicas. Aqueles sertanistas formaram em seus locais de paradas para pernoites à distância de uma jornada da boiada até onde havia água as sedes de pequenas fazendas, as quais cresceriam em propriedades maiores, que se transformariam em povoações e mais tarde nas cidades sertanejas.

Assim, alcançou ser o grande feudo dos Ávila, a Casa da Torre, o maior latifúndio do mundo, com 800.000 quilômetros quadrados, igual a mais de 7.400 sesmarias, um décimo do território brasileiro, equivalente às áreas somadas dos países Espanha,





Holanda, Itália, Portugal e Suíça, e onde estão na atualidade grande parte das terras de nove Estados – Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Muitas décadas depois, outro governador-geral perguntou a um descendente de Garcia d'Ávila, afinal, até onde iam as suas propriedades, e teve como resposta que naqueles sertões lhe pertenciam as terras até onde fossem as patas dos seus cavalos.

Geravam cada vez mais a disputa de poder e territórios, além do grande desnivelamento socioeconômico dos habitantes, repercutindo mais tarde no aparecimento dos rebeldes dos sertões, fanáticos seguidores dos beatos e conselheiros, e capangas, jagunços e cangaceiros, sustentação dos coronéis do mato e do barranco, que, antes de ser extintos, influenciaram e corromperam os funcionários governamentais e dirigentes políticos



As gerações da histórica Casa da Torre de Garcia d'Ávila, onde medraram os poderosíssimos senhores de terras, seus descendentes, procuradores, boiadeiros, vaqueiros, homens de armas, apaniguados, vasta criadagem e escravizados, que participaram das lutas de expulsão do inimigo estrangeiro invasor na Guerra contra os Holandeses, dos combates nacionalistas tangendo o ocupante português na Guerra da Independência, e das batalhas vencendo o agressor na Guerra do Paraguai, elas imperaram através dos sertões, décadas sobre décadas, seguidamente, sustentadas pelo fogo das garruchas, das pistolas, dos clavinetes, dos bacamartes, das espingardas, dos rifles, dos fuzis, dos mosquetões, por cima os cutelos e punhais.

interioranos, prática que ainda na atualidade se verifica pelas diversas regiões do Brasil.

Historicamente, isto explica em grande parte certos maus costumes sociais que alcançaram os dias que estamos vendo, circundados por tantos potentados, políticos e governantes corrompidos e corruptores, juntamente com alguns maus hábitos da parca cidadania do povo brasileiro, quase metade conformado com tudo e procurando daqueles tirar vantagens.

Recentemente, chegamos os nacionais a um outro patamar da História, no qual se aguardam as mudanças radicais de muitas condições deletérias antigas em nosso País.

Esperemos um futuro bem melhor, com o esclarecimento da juventude de hoje!

# Artigo

## Você conhece as causas?

Antônio Florido

Cadeira nº 42

VIRGILIO (Publius vergilius Maro – 70-19 A.C.) nos legou uma frase muito importante e de grande significância: *FELIX QUI POTUIT RERUM COGNOSCERE CAUSAS* (Feliz daquele que pode conhecer as causas das coisas).

A população do Brasil gira em torno de 200 milhões de habitantes. Desse universo populacional, quantos conhecem ou estão em condições de conhecer as causas das seguintes coisas?

O ano de 1945 significou um marco na história da humanidade, o surgimento de uma nova etapa no desenvolvimento de todos os países que participaram da Segunda Guerra Mundial e que a maioria deles foram devastados, parcialmente destruídos. O Brasil também participou, ao lado das forças aliadas, as quais foram vitoriosas. Naquela época 1945, o Brasil estava saindo de uma ditadura que durou 15 anos, o país iniciou um regime democrático e estabeleceu um sistema administrativo que perdura até hoje.

Durante esse período de 75 anos, houve grandes mudanças, que influenciaram e transformaram a economia de todas as nações. Países que

foram derrotados e destruídos pela guerra se recuperaram, desenvolveram, cresceram tornando-se potências financeiras, atingindo o nível de países de primeiro mundo. O Brasil, apesar dos esforços do povo brasileiro para transformá-lo num país forte e independente, considerando as riquezas que possui, regrediu na escala do desenvolvimento, permanecendo um país de terceiro mundo, subdesenvolvido e detentor de uma das maiores dívidas externas.

Quantos desses milhões de brasileiros se deram conta e tiveram a felicidade de constatar e reconhecer que este sistema administrativo não deu certo, que tem alguma coisa errada que vem impedindo o Brasil de se desenvolver, crescer, progredir e se transformar numa potência de primeiro mundo? Por que sempre que um Presidente do Brasil assume o poder com intenção de alterar alguma regra do sistema administrativo para melhorar e dar início a um processo de desenvolvimento, de crescimento e progresso, para a nação, o Congresso Nacional interfere, cria problemas, provocando crises governamentais para desmoralizar





e destituir o Presidente? Foi assim com Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, etc. etc. etc.

O Congresso Nacional, desde a sua institucionalização em 1945, sempre contou com uma minoria, talvez 10% de BONS parlamentares congressistas, os quais dignificam os votos recebidos e cumprem seus mandatos desempenhando suas funções com denodo, honradez e transparência, defendendo os interesses do povo e da nação, trabalhando para o progresso e o engrandecimento do Brasil. Porém, infelizmente para a nação brasileira, a outra parte, a parte podre do Congresso, é constituída por mercenários, os quais estão lá para impedir o crescimento e o progresso do país.

Como se explica que um candidato gasta na sua campanha para Deputado Federal em torno de 5 milhões de reais, e, se for eleito, durante o seu mandato ele terá um retorno aproximado de 1,8 milhões; e o restante de onde vem? Alguém paga essa diferença e quem paga exige trabalhos e serviços de acordo com os seus interesses.

Um projeto de Lei ou de reforma quando vai para o Congresso, além do mensalão, da concessão de empregos, da troca de favores e muitos outros, para ser aprovado ainda recebe uma carga

tão grande de emendas, as quais descaracterizam por completo o seu contexto e anula a sua eficácia. Essa tem sido a função precípua do Congresso Nacional.

As Leis e Reformas que o Congresso aprovou no decorrer desses 75 anos serviram apenas para piorar a situação do país, impedindo que a nação brasileira, apesar de toda a riqueza que possui pudesse se desenvolver, crescer e progredir.

Quantos brasileiros têm a felicidade de conhecer a diferença entre câmbio fixo e câmbio flutuante? O que é reserva cambial? O que é capital aberto e capital fechado? O que é mercado livre? Qual a diferença entre Sociedade Anônima e Sociedade Cooperativa? Qual o procedimento para se investir na Bolsa de Valores? O que é fechamento em alta e fechamento em baixa na Bolsa de Valores? Por que o Brasil, apesar de ter o maior parque industrial da América do Sul, tem também uma das maiores dívidas externas? O que é o PIB (Produto Interno Bruto)? Qual a relação entre o PIB e o crescimento de um país? Por que o PIB do Brasil foi superior apenas ao do Haiti, cuja produção se resume em plantação de cocos? Que o Brasil tem dois PIB; o PIB real que é a soma de tudo que



se produziu dentro do país e o PIB contábil que é aquilo que restou do PIB real, após as remessas de lucros para o exterior, efetuadas pelas multinacionais que operam no Brasil? Que o PIB real do Brasil é um dos maiores do mundo e o maior da América do Sul? Que os brasileiros têm conhecimento apenas do PIB contábil? Que quanto maior o PIB de um país, maior será sua capacidade de desenvolvimento e de crescimento?

Que todos os países que fazem parte do G8, (Grupo dos 8 países de primeiro mundo), têm a taxa sobre remessa de lucros? Que o Brasil é um dos poucos países que não possui esta taxa? Que no Brasil, a melhor profissão é ser político? Que no Congresso Nacional existem políticos que exercem o poder há mais de 40 anos e cujos descendentes, filhos, genros, netos, também já estão no poder, formando uma verdadeira casta do poder político? Que quanto maior o número de multinacionais operando no país, MENOR será o seu PIB contábil?

Existem muito mais elementos que compõem a Política Econômica, que poderiam ser citados, comentados e analisados. Porém, o que foi exposto até aqui é suficiente para o leitor que tem a felicidade de conhecer as causas das coisas,

constatar que os defeitos, as falhas e os erros do sistema administrativo do Brasil estão nas funções do Congresso Nacional, onde a maioria dos seus membros se omite e não aprova na íntegra os Projetos de Lei e Reformas necessários para que o país possa se desenvolver, crescer e progredir. A taxa de investimentos do Brasil é ínfima, por isso, a receita para cobrir o orçamento com as despesas do funcionamento da máquina administrativa, é proveniente dos impostos, na medida que cresce a máquina administrativa, aumentam-se seus gastos, como não existem outras fontes, o Governo tem que aumentar as alíquotas dos impostos existentes ou criar novos.

Com isso aumenta o custo dos produtos internos, diminuindo a sua competitividade no mercado externo, comprometendo o volume de exportações. O dia em que a maioria dos brasileiros tiver a felicidade de poder conhecer as causas das coisas, eles poderão, além de separar o joio trigo, isto é, selecionar bons Congressistas, também exercer sua cidadania exigindo o cumprimento dos seus Direitos.

Entenderão que o povo elege os políticos, para que eles defendam os interesses da nação e não para eles venderem os bens e as riquezas do país, em troca de se perpetuarem no poder.





# Poesia

**Sérgio Vicente Motta**

*Poeta, artista plástico*

*Cadeira nº 21*

## Não digo

Não digo  
que vou dizer  
a coisa.

Digo que vou  
pintar  
a coisa  
para não dizer  
a coisa.

Mendigo da palavra,  
como usá-la,  
desapalavrá-la?

Digo que vou escrever  
qualquer coisa  
para pintar  
a não-coisa.  
Para aparar a cor  
no ar  
iluminar o céu  
cheirar o gosto  
da chuva  
no gozo do corpo  
da cor  
corporificada.

## In memoriam

À tarde, perdeu-se nas encruzilhadas dos trigais.  
Os corvos alvoroçaram-se em presságios.  
Olhou os girassóis agonizando os últimos suspiros de seus dramas.  
Amarelo  
Contornou os ciprestes que contorciam suas dores em vertigens.  
As cores, em delírio, explodiram no céu estrelado.  
O mundo escureceu.  
Adoeceu.  
Ausência de luz.  
Sozinho, atravessou o limiar da porta daquele quarto.  
Sentou-se na primeira cadeira, observou a mesinha, os objetos familiares,  
as pinturas penduradas, as cores desgastadas pela vida.  
Dirigiu-se à janela, cujas folhas abrem-se para dentro.  
Deitou-se e mergulhou na escuridão da longa noite.  
Seu corpo desapareceu na cena imortal de sua pintura.  
Aí, eternamente em vigília, vaga o fantasma de sua solidão.  
Na pintura de Van Gogh, as cores atravessam o tempo e as pinceladas perpetuam  
em espaços as texturas da memória.

# Poesia

Patrícia Reis Buzzini  
Cadeira nº 2

## Loucura, loucura

Frustrar a convenção  
Extravagância

Flertar com a fantasia  
Desvario

Abraçar a redundância  
Verborragia

Demover a arrogância  
Insubordinação

São  
Rótulos amenos  
Loucura é ser pequeno

## Ou

Não há opção  
Ou se fala  
ou o momento  
escapa

Não há opção  
Ou se ama  
ou o amor  
infama

Não há opção  
Ou se acolhe  
ou o ser  
encolhe

Não há função  
Se a vida passar  
em branco

## Poema para os ausentes

Aqui não é lugar  
para quem sente  
muito

Se olhares medem  
Palavras ocultam  
Beijos ofendem  
E laços oprimem

Aqui não é lugar  
para quem espera  
muito

Se o orgulho aparta  
A educação enquadra  
A miséria é farta  
E o cinismo agrada

Lo siento  
pero no mucho



# Poesia

**Angelo Soares Neto**

*Médico, poeta, escritor*

*Cadeira nº 23*

## Pedras pisadas

Espremer pedras  
até que falem da sua solidão espelhada do homem,  
que um dia torceu nuvens e delas sangrou rios de seda,  
com que teceu mantos para cobrir suas metades.  
Sussurros em ouvidos dizem, sem emoção alguma,  
que as mulheres sempre serão amadas  
por se destinarem só a entregas,  
gastas no tempo, como pedras pisadas.  
Desejadas por seus olhos tristes  
e suas bocas de cantar distâncias vivem de esperas.  
Por não terem face e estarem sempre nuas,  
aguardam desejos selvagens.  
Por tudo o que fizerem serão sempre perdoadas,  
e serão cobertas e aquecidas, pois vivem do silêncio  
de mangas dobradas, guardando cheiros.  
Por se vestirem da pele desses cheiros, serão amadas,  
como pedras, na solidão de passos que têm pressa  
em deixar de lado a dor que pisam.

## Respirar

Vida deve ser lenta  
como a preguiça,  
sem regras de vencimento.  
Dedos espalhados  
em pés descalços  
sobre areia fina.  
Surpresas colecionadas,  
o profundo respirado  
entre a pausa e o pecado,  
medindo alegrias.  
Insistir  
em cuspir da fome  
as raízes amargas,  
esquecer de partir  
quando piscar o riso  
ao insistir no desde quando,  
enquanto grita que o novo,  
em desequilíbrio,  
é a loucura do mesmo.

## Vidro

Algumas vezes reflexo,  
outras, transparência,  
sempre corte.  
O mesmo e tão profundo  
quanto o das palavras.  
Protegem, separam,  
vestem e desnudam,  
retalham.  
Superfície e fio.  
Pele.

## Exercício de prazer

O abstrato é revelado  
sob o lodo do sentido,  
campo de cor  
em energia nervosa  
entre o belo e o sublime,  
incontrolável prazer.  
Pulsar, envolver,  
impactar,  
trazer para o indizível  
corpo e alma  
reinventados,  
facho de luz,  
sangue em movimento.

## Matrizes

Grito quando respiro,  
angústias,  
sangro enquanto falo,  
memórias,  
existo quando sinto.  
Enraizo em entornos  
fertilizando buscas.



# Poesia

**Vera Paráboli Milanese**  
*Escritora, psicóloga, poeta*  
Cadeira nº 34

vento, vento, vento  
tempestade em mim  
chegas, entras  
e, magicamente,  
o vento cessa  
a paz acena,  
e meu coração,  
ante o teu, se prostra em prece!

só ele, de sua velha cadeira de balanço  
não vê que o que queima e arde  
no fogo de dentro e no gelo de fora  
é sua indiferença, no meio da tarde  
depois de muito contemplar  
finalmente, sua dor dá lugar  
a um fino sentimento  
de deliciosa quietude

onde está o teu retrato?  
o teu? o meu? o nosso?  
onde o registro do instante  
em que tudo parou?  
onde, em que mente está gravado  
o momento do beijo, do abraço  
em cada encontro  
em cada canto de nós?

apago a luz, fecho a janela  
para não perturbar a paz  
daquele dormir tranquilo  
que desejo desde sempre  
manhê! Acende o sono em mim!

a casa que amaste aqui ficou  
no jardim, teu banco vazio  
o acre, mordaz, corrosivo  
tempo da ausência  
no escuro das folhagens  
se quebrou o fino fio da vida

voo fora, voo dentro  
voo que não cabe em si  
mas em si acaba  
voo que faz me viver  
as cidades amadas  
as cidades cicatrizadas  
as cidades tatuadas em minha pele  
que, seca, se vinca e racha  
doente de agonia



a morte? eu a levo comigo  
sem saber, sem conhecer  
ela me leva consigo  
me sabe, me conhece  
juntas vamos  
pela vida  
pelas estradas  
pelas ruas  
até o dia em que ela, vitoriosa,  
acenderá, feliz,  
a escuridão final  
que será luz em mim

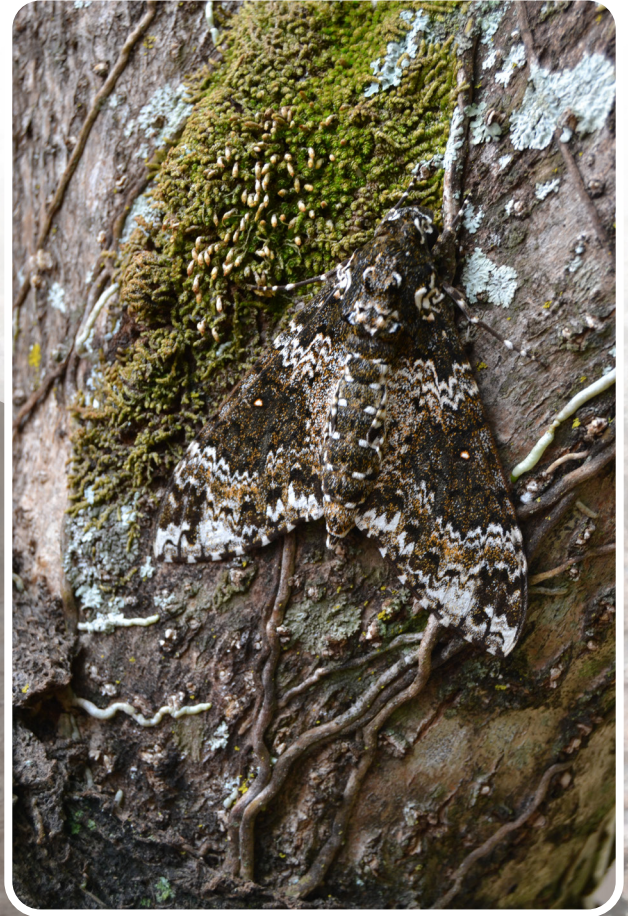
te aguardo à porta da saudade  
me abro inteira  
te abres  
juntos abrimos  
ruas retas, avenidas, cidades  
labirintos, campos, trigais  
a vida se oferece  
e, com vontade,  
mastigamos.



# Fotopoesia

*Rosalie Gallo y Sanches*  
Professora, escritora, poeta  
Cadeira nº 29

|  
A mariposa  
pousa  
e posa  
mimética  
no tronco rústico.  
Descansa  
e nem percebe  
o predador sorrateiro,  
silencioso  
e criterioso,  
salivando por seu almoço.







II  
O vazio da casca  
mostra tudo:  
o que não houve  
e não há mais,  
na aparência.  
Ao olhar bem o vazio,  
entretanto,  
vê-se o tudo,  
o que era,  
o que foi  
e ninguém viu.  
Cantei.  
Cantei muito.  
Na morte iminente  
agarrei-me ao tronco  
e aqui escrevo,  
com meus restos,  
o epitáfio da vida:  
Cantei enquanto pude.

III

Ser parasita.  
Nada fazer  
até que explode um broto  
que faz parir a orquídea carmim.  
O vento canta-lhe melodias de amor.  
A chuva mansa banha-lhe as delicadas pétalas  
mas a morte se aproxima.  
Imóvel,  
à sua frente,  
aguarda que a flor se amedronte,  
que se encolha  
até cair sem forças  
por terra.  
Sem vida,  
sem cor,  
sem beleza,  
sem lembranças  
a não ser uma foto qualquer,  
guardada.  
Por enquanto.





# Virtuarte



**Araguai Garcia.** Ficha Técnica: “Cabeças. Diálogo”  
Técnica mista sobre tela / Dimensão: 50 x 70 cm

## Primeira Exposição Virtual de Arte da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura (ARLEC) reúne trabalhos de cinco renomados artistas e acadêmicos

**Patrícia Reis Buzzini**



**Lézio Junior.**

Obra: “Marilyn Monroe”

Categoria: caricatura

Dimensão: 40x80cm

Técnica: tinta acrílica sobre uma tela

No mês de novembro, aconteceu a primeira Exposição Virtual de Arte da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura (ARLEC), com o tema: Intermittências. A proposta conceitual fundamenta-se nas reflexões de Heráclito de Éfeso, um dos pensadores mais brilhantes da antiguidade. Ao afirmar que “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, (pois) substância mortal jamais se mantém duas vezes no mesmo estado”, o filósofo descreve o tempo como uma espécie de movimento ordenado contendo medida, limites e ciclos. Nessa perspectiva, considera-se que cada ciclo encerra práticas específicas que se sobrepõem e se modificam. Antes de Van Gogh, a tinta empastada na tela era sinal de inaptidão. E quem poderia imaginar que antiga técnica de serigrafia se tornaria a “queridinha” da Pop arte? Enfim, não há nada melhor do que a Arte – em seu inesgotável potencial criativo e representativo – para nos apresentar um recorte além das aparências, o significado interior das coisas.

Em face do momento atual, marcado por interrupções compulsórias e pelo distanciamento social, cinco artistas e acadêmicos decidiram compartilhar olhares e experiências a partir de uma nova perspectiva de exibição de trabalhos artísticos. Araguai Garcia, alçando voos cada vez mais arrojados pela arte abstrata e outras linguagens. O cartunista Lézio Júnior, com suas premiadas caricaturas e ilustrações artísticas. Maria Helena Curti, com toda a delicadeza e requinte de suas aquarelas. Norma Vilar, com sua experiência extraordinária na pintura e na escultura. E

Jocelino Soares, com seus inconfundíveis girassóis e cenários bucólicos no estilo primitivista. Com o objetivo de suplantar limitações e especificidades do formato digital, foram realizados vídeos e entrevistas exclusivas com os artistas, graças à colaboração da jornalista e acadêmica Elma Eneida Bassan Mendes, e ao apoio do Diário da Região. Ao ir além de uma simples reprodução fotográfica das obras, espera-se que artista e público tenham a oportunidade de criar novos vínculos numa melo-

diosa sinfonia de cores, depoimentos e imagens. O conteúdo integral da exposição será publicado nas redes sociais da ARLEC no facebook e instagram, e compartilhado nas plataformas particulares dos artistas. Caso seja necessário, as obras também podem ser contempladas presencialmente, por meio de visitas agendadas na Galeria de Arte Norma Vilar. A seguir, vejam alguns trabalhos que fazem parte da Exposição Virtual de Arte da ARLEC:



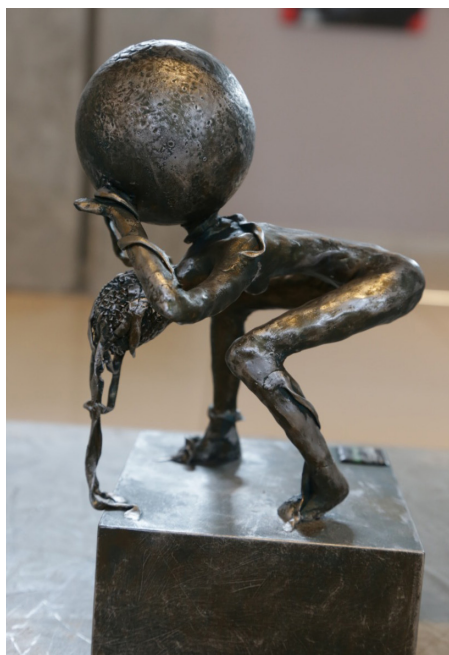
**Araguaí Garcia.** Ficha Técnica: “Sevilha Torta. A Janela”  
Técnica mista sobre tela / 50 x 70 cm



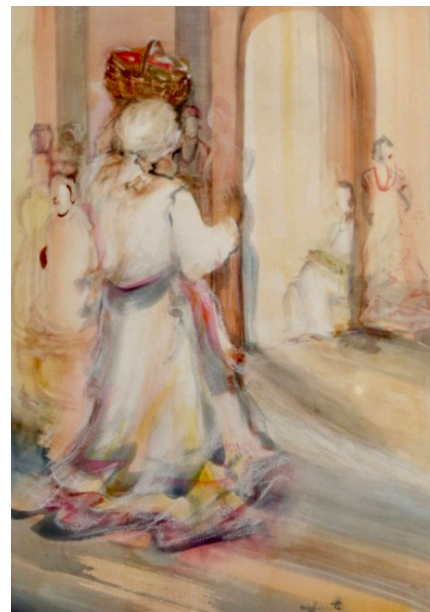
**Jocelino Soares.** Ficha Técnica: “Hora da lição”  
Óleo sobre tela. Dimensão: 0,90 x 0,70 (2020)



**Norma Vilar.** Obra: “Presente”  
Categoria: escultura. Ano: 2020  
Dimensão: A:0,63×L:0,46×P:0,40  
Técnica: cerâmica, pintura a frio.



**Norma Vilar.** Obra: Dialética  
Categoria: escultura. Ano: 2010  
Dimensão:0,30×L:0,20×P:0,20  
Técnica: modelagem em machê com materiais alternativos.



**Maria Helena Curti.**  
Ficha Técnica: Carnaval de Rua  
Papel Montval Gramatura 300  
Tintas profissional Winsor e Newton  
Água fervida. Técnica Aquarela  
Dimensão: 0,26 x 0,28





**Jocelino Soares.** Ficha Técnica: “Dia de missa”  
Óleo sobre tela. Dimensão: 100 x 0,80 (2009)



**Jocelino Soares.** Ficha Técnica: “Girassóis com moças de sombrinhas”. Óleo sobre tela. Dimensão: 0,90 x 0,70 (2020)



**Lézio Junior.** Obra: “Macaco”. Categoria: caricatura  
Dimensão: 60x100cm. Técnica: tinta acrílica sobre uma tela



**Lézio Junior.** Obra: “Bob Dylan”. Categoria: caricatura.  
Dimensão: 30x40cm. Técnica: Arte Digital Impressa





**Maria Helena Curti.** Ficha Técnica: Carnaval de Rua  
Papel Montval. Gramatura 300.  
Tintas profissional Winsor e Newton. Água fervida.  
Técnica Aquarela. Dimensão: 0,25 x 0,28



**Maria Helena Curti.** Ficha Técnica: Carnaval de Rua  
Papel Montval. Gramatura 300.  
Tintas profissional Winsor e Newton. Água fervida.  
Técnica Aquarela. Dimensão: 0,25 x 0,28



**Norma Vilar.** Obra: "Intermitências"  
Categoria: escultura. Ano: 2018  
Dimensão: A:0,37×L:0,20×P:0,22  
Técnica: cerâmica, pintura a frio.



**Araguaí Garcia.** Ficha Técnica: "Minerva Retórica"  
Cerâmica Noborigama. Altura: 40 cm





## Em Lisboa e nos arredores

# Poesia

*Antônio Manoel Santos Silva*  
*Cadeira nº 27*

### A sarça ardente

Gravo um jardim para aquela que é.  
Palavras escolho e sem imagens  
entro pela selva do mistério,  
separando lianas e ramagens.

Um raio luminoso de repente abre  
a esquiva clareira – brilho de flecha –  
e eis a orquídea delicada e grátis.  
Mas esta planta suspensa não a quero.  
Não há trilhas nesta floresta vasta  
para quem grava um jardim secreto;  
sigo, porém atraído pela pétala  
da flor perfeita que há tempos busco.  
“Um dia a colherei”, assim imaginando  
“para guardá-la” vou dizendo e entrando  
mais e mais no centro da espessura.

Ninguém me guia nesta noite adentro  
nem canto de ave se ouve nem uivos  
de feras, nem perfume agreste se sente,  
apenas me leva um sonho de gravura,  
abstrato jardim de flor e labirintos.

As mãos tateiam os troncos enrugados,  
quando, ferindo-se nos espinhos, ávidas,  
inventam a estrela de um olhar – a face  
viva – luz de candeeiros, rosa e centro  
que se desdobra e cresce em nova luz  
que, de tanto fogo, o escuro incendeia.

(São Paulo, maio de 2000)

Nesta cidade vaga a alma de quem dorme  
sob as pedras do mosteiro, quando sonha  
com Natércia e Dinamene, seu naufrágio.

Nesta cidade bebe o neurastênico  
Enquanto olha histórico  
as tabuletas da tabacaria,  
triste com o planeta girante,  
que girando continua, assim como continua  
a língua escrita na tabuleta  
(só ele morreu sob o peso da realidade  
plausível como vinhos e absintos).

Nesta cidade há um comboio que me leva  
do cais a Cascais,  
do cais a você  
nove anos atrás.  
Nove anos atrás as casas  
tinham séculos de existências aprazível.  
Branças testemunhas do azul, nada lhes dizia o sol  
senão sinais de repetidas manhãs.  
As ruas alinhavam ainda quietas esculturas  
debruçadas sobre a praia onde o mar revoltoso  
talhava inexpugnáveis muros.

Ali também Deus nos seduzia  
E maravilhava.

(Lisboa, 15 de maio de 2004)



# iteratura

**Rosalie Gallo y Sanches**  
Professora, escritora  
Cadeira nº 29

Diante das várias teorias sobre a participação do autor na produção de seu texto, a pergunta que intitula estas reflexões pode parecer óbvia e simples. Advirto, porém, que não o é. Um texto oferece múltiplos esconderijos ao autor que usa sua larga experiência, imaginação e poder criativo para andar nas linhas e entrelinhas do que produz.

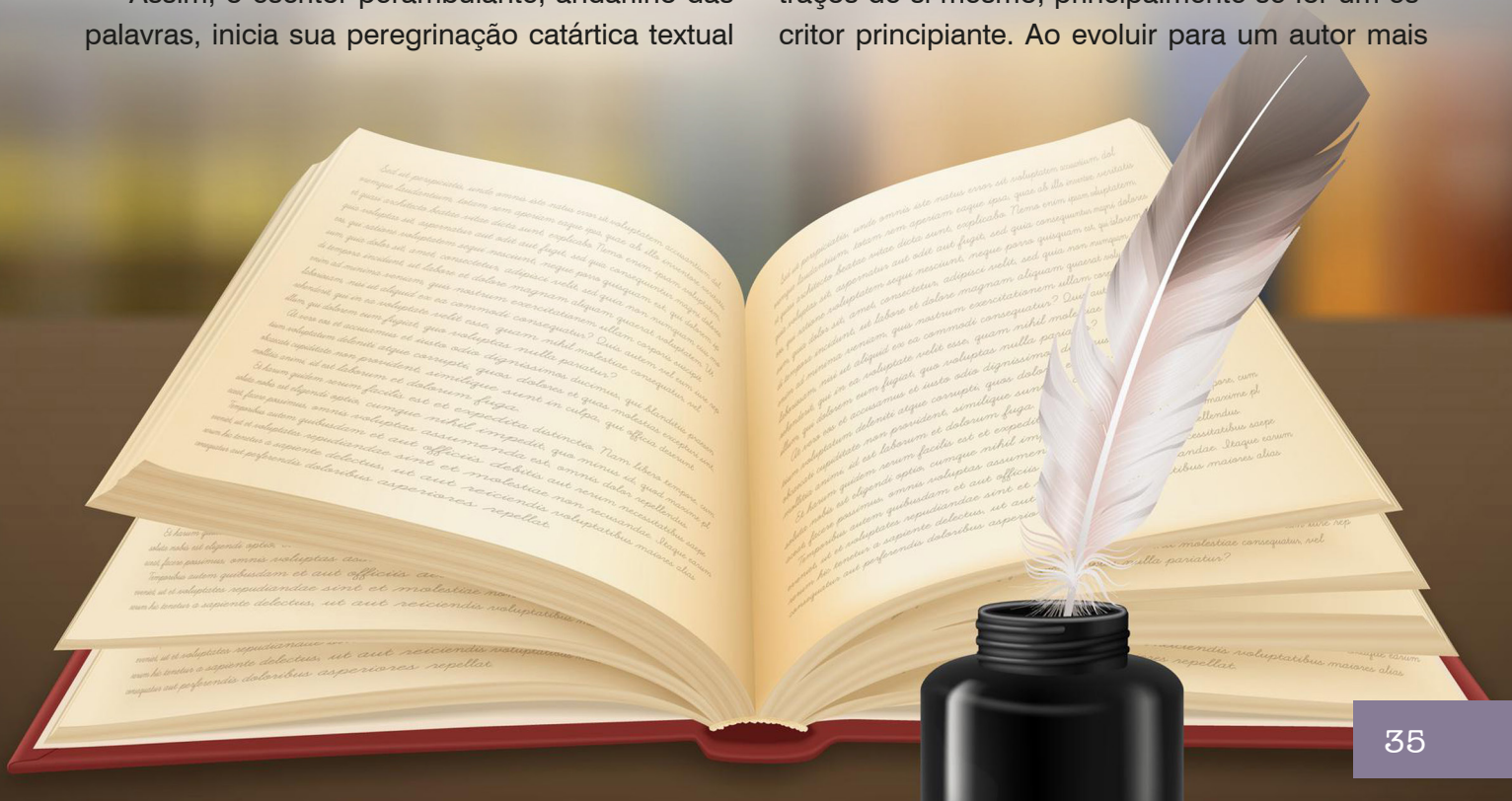
Em meio aos vários elementos que compõem a narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente, narrador), o bom escritor passeia, melhor dizendo, perambula em sua criação tentando de forma consciente e, na maioria das vezes, se esconder. Inevitavelmente é descoberto pelos olhos do leitor atento que o detecta como se fosse portador de um mágico aparelho subjetivamente instalado em sua percepção aguda.

Assim, o escritor perambula, andarilho das palavras, inicia sua peregrinação catártica textual

## Onde se esconde o escritor?

tentando se esconder no elemento da narrativa com que mais rapidamente o leitor se identifica: a personagem. É por esta tentativa que começaremos a descobrir e fatalmente analisar a presença do autor no texto. Em outras abordagens e em próximos números desta revista acadêmica poderemos tratar de outros esconderijos.

Por ser a personagem o elemento da narrativa que pensa e age, tem vida própria e é capaz de decisões o escritor nela joga suas decepções, suas esperanças, seus sonhos e realizações adia- das, suas tragédias pessoais e muitas das caracte- rísticas emocionais que o atormentam. Entretanto, por ter a personagem necessidade de um corpo físico que o permita mostrar sua alma, o autor cria as personagens de seu texto com a maioria dos traços de si mesmo, principalmente se for um es- critor principiante. Ao evoluir para um autor mais





cuidadoso, buscará camuflagens: trocará os cabelos, a cor dos olhos, a estatura, o peso e, às vezes, o sexo.

A Psicanálise, assim como a Psicologia e a Antropologia, ao propor o estudo do texto literário em consonância com a vertente da corrente fenomenológica, busca no texto tudo o que se refere ao campo da simbologia e do imaginário. E é claro que a abordagem é válida. Como não dar às figuras de linguagem, em especial à metáfora, o devido valor instrumental a que se prestam todas elas para a produção textual? O texto literário, para que assim seja considerado, deve conter certo grau mínimo de literariedade estabelecido pelas escolas de Teoria Literária e alicerçado nas características fundamentais quais sejam a verossimilhança (não a cópia da realidade!), a universalidade e um potencial catártico que, somadas às tais características, oferecem ao leitor a possibilidade de se encontrar e se identificar no espelho autoral para usufruir a experiência que julga alheia.

Camuflar-se na personagem não é tão simples, pois, como dissemos. Os graus de complexidade para a construção de uma personagem variam ao infinito. Da projeção total autor/personagem à criação complexa de um autor que projeta partes suas em cada uma das personagens criadas em uma única obra; da tentativa infantil de se esconder atrás de vícios que procuram ser infantil e inconscientemente minimizados à somatória analítica de toda uma obra de vida para se traçar o perfil, por fim, do próprio autor, as personagens trabalham para seu criador sem cessar.

Um exemplo clássico retrata em duas facetas o duelo íntimo entre o Bem e o Mal na obra de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (O estranho caso do Dr. Jekyll e o Senhor Hyde) que se consagrou através não só de sua própria e estrondosa publicação em 1886, mas de diversas adaptações teatrais e cinematográficas. A começar pelo jogo de palavras dos nomes das personagens, tem-se uma gama extensa de possíveis interpretações: o perfil bom é doutor, social e intelectualmente superior; o perfil mau é apenas senhor, portanto “inferior”. Jekyll foneticamente pode ser entendido como Jack ill (Jack/doente, mau, hostil, diabólico) e Jack kill (Jack/matança, matar, destruir, neutralizar por contraste). Hyde, por sua vez, foneticamente lembra hide, infinitivo do verbo esconder, ação apropriada para ocultar o mal; ao mesmo tempo, é o substantivo de língua inglesa que designa a pele, ou seja, o que cobre o ser animal, ou seja, o que esconde o interior, remetendo o leitor à ação anteriormente citada. Conotações nada aleatórias.



Outro clássico a ser lembrado é *The Picture of Dorian Gray* (O Retrato de Dorian Gray), escrito por Oscar Wilde, publicado em 1890 como folheto e apenas em 1891 revisado, voltado à forma original e publicado como romance. Além do perfil psicológico do autor que se desesperava em administrar sua homossexualidade, a obra mostra a luta que existe no ser humano em busca da preservação da juventude e a rejeição à velhice que a destrói de forma inexorável; uma juventude que, retratada de forma magistral e negociada com a venda de sua alma, seria assegurada ao jovem Dorian Gray para continuar a desfrutar dos prazeres a que se habituara enquanto cabia ao retrato envelhecer. Mais uma vez, o embate dicotômico entre o Bem e o Mal, este aliado aqui ao culto da Beleza e da Sensualidade e agravado às últimas consequências. Também nada aleatória a escolha do nome Dorian, que remete a door (porta, passagem de abertura ou fechamento de espaços, meio de obtenção de algo) e ao sufixo inglês -ian que dá à palavra a que se liga sua ocupação como em *magician* (o que faz mágicas) ou se

refere a profissão, como em *physician* (médico). Quanto ao sobrenome, é evidente a referência a *grey* (cinza), cor limite entre o branco e o preto, demarcando metaforicamente o território de cada lado: branco, da luz e preto, da escuridão da alma humana.

Se os títulos aqui citados são assim amplamente sugestivos, imagine o leitor o quanto os textos em si trarão de auxílio para seu prazer e conhecimento.

Vê-se, desta forma, o desdobramento do autor em mais de uma única personagem a demonstrar o prisma humano que cada um de nós é e em cujas facetas brilham, se giradas e expostas à claridade, os pelo menos dois lados de luz e sombra que o ser humano ainda cultiva em si em clima debatalha mortal.

É, pois, a personagem um excelente esconderijo, entre tantos que a narrativa permite para o autor inteligente que busca, a seu turno, um leitor inteligente para sua obra, um leitor capaz de desvendar seus mistérios e descobrir seus esconderijos, um leitor que aprecie sua criação.





# Homenagem

## Jacomelli o poeta da simplicidade

*Persio Marconi*

*Professor, escritor. Cadeira nº 15*

Na década de 1960, a escola pública no estado de São Paulo era um modelo de eficiência, organização e ótimo processo de ensino/aprendizagem. Em Rio Preto, os ginásios estaduais despontavam entre as melhores escolas do país, com professores competentes, coordenadores comprometidos e diretores de carreira.

Uma, em particular, vai nos conduzir às saborosas memórias de infância e adolescência – o GEVE – Ginásio Estadual da Vila Ercília, que se transformou em CEVE – Colégio Estadual da Vila Ercília e finalmente em homenagem ao grande educador, a Escola Estadual Prof. Jamil Kahuan. Ficava às margens do que é hoje a avenida Murchid Homsí, antes de se deslocar para o antigo Morro Pelado, hoje bairro São Judas Tadeu.

No GEVE, Edvaldo e eu iniciamos nossos estudos do então ginásio, correspondente ao ensino fundamental de hoje. Embora em classes diferentes, tínhamos excelente relacionamento e os mesmos gostos por determinadas disciplinas, como o Português, a História e a Geografia. Nossa professora favorita era a querida e reconhecida Ida Solferini, dona de uma doçura inesquecível e de um incrível talento para ensinar.

Edvaldo e eu morávamos nas proximidades do antigo estádio Mário Alves de Mendonça, casa do América Futebol Clube, o diabo da Vila Santa Cruz. Por ali, brincávamos e jogávamos futebol no campinho ao lado do estádio. Frequentávamos a missa de domingo, sempre conduzida pelo Monsenhor Gregório Nafria, um religioso espanhol que construiu várias igrejas na cidade.





No período em que seria hoje a sétima série, a profa. Ida selecionou alguns alunos que se destacavam nas aulas de Português, para ensiná-los a redigir mais adequadamente. Careca e eu fomos selecionados (Sim, Careca era o apelido do Jacomelli e sempre o tratei assim, mesmo após ele ser eleito, merecidamente, para a ARLEC - Academia Rio-Prentense de Letras e Cultura), sonho que ele acalentou durante muito tempo. Tornou-se também membro da UBE (União Brasileira de Escritores), assim como eu.

Aprendemos com rapidez e a profa. Ida passou a nos inscrever em concursos de redação, muito populares à época. Logo começamos a vencer vários concursos, recebendo medalhas e troféus, que dona Ida carregava para todos os lados, vangloriando-se de seus pupilos.

Assim foi, até que um dia, dona Ida irrompe pela sala de aula, brava, muito brava, como jamais havíamos visto. Ela logo explicou: tentou inscrever-nos em um concurso regional de redação e nossas inscrições foram indeferidas. O motivo, pasmem, era que nós sempre vencíamos e outros participantes se sentiam desestimulados! Em nossa ingenuidade, nem chegamos a ficar decepcionados ou nos sentimos injustiçados.

Quis o destino que nossas carreiras se separassem. Ele foi estudar matemática na UNESP e

eu fui estudar nos Estados Unidos e ficamos muitos anos sem nos encontrar. Nesse ínterim, Careca passou a produzir artesanalmente suas crônicas, poesias, e contos de forma abundante e, finalmente, teve seu talento reconhecido, com a publicação de várias obras, dentre as quais destaco 'Colégio. com.alegria', que narra justamente sua trajetória pela escola Jamil Kahuan. Ganhou inúmeros prêmios e, mais recentemente, esteve em Lisboa, a convite da UBE, em uma feira internacional de livros, como autor palestrante, realizando assim um sonho que sempre acalentou.

Careca publicou ainda 'Profecias Loucas' (poesia), 'Manhãs Ensolaradas' (contos e crônicas) e 'Irapuã' (contos sobre sua cidade natal), além de inúmeros contos, crônicas e poemas para jornais e revistas.

Ao ser eleito membro da ARLEC, ligou-me para dar a notícia. Parecia uma criança, de tão feliz. Em sua simplicidade, achava que não merecia tal distinção. Tentei dissuadi-lo, em vão.

Como não cabe a nós, míseros mortais, entender os desígnios de Deus, Careca foi chamado para escrever no Céu, vítima de um acidente doméstico. Nem consegui me despedir e sofro com isso até hoje. Tínhamos tanto a conversar ainda.

Descanse em paz, meu caro amigo. Você e sua simplicidade fazem muita falta.





# Artigo

## No Olimpo, com Rachel de Queiroz (1910 – 2003)

**Hygia Therezinha Calmon Ferreira**

Profa. Dra. Escritora/ Nova Granada. Cadeira nº 31

Foto: divulgação

“Acorda, literata! Olha que sol lindo!”

Com essas doces palavras, dona Clotilde Franklin de Lima acorda a filha Rachel, em 1927<sup>1</sup>. Rachel estava com dezessete anos de idade. O local era o sítio Pici, adquirido pelo pai Daniel de Queiroz, nesse mesmo ano. Do casarão antigo, pouco restara, diria Rachel; das memórias, quase tudo.

O primeiro contato com as histórias deu-se através do pai, que lia muito. Prima-irmã do escritor José de Alencar, pelo lado materno, conheceu



o primeiro livro, *Ubirajara*, através do avô e da mãe. Era muito nova para entender.

A obra *O Quinze*, a primeira de Rachel de Queiroz<sup>2</sup>, escrita e publicada em 1930, é considerada até hoje um marco do Modernismo brasileiro. Na época, ela já rejeitara a denominação regionalista.

Entre o final do século XIX e princípios do século XX, o ciclo da seca repetia-se com certa periodicidade, o que a motivou a escolher esse triste cenário para seu romance.

<sup>1</sup> Rachel de Queiroz. “Pici”. In: *O homem e o tempo*, 1995, p. 76.

<sup>2</sup> Idem. *O Quinze*, 1993.





Através da protagonista Conceição, de O Quinze, Rachel de Queiroz revela a consciência cultural, social e crítica de um povo castigado pelas intempéries da seca, causadora de desolação, sofrimento e morte. Conceição é a voz do retirante, e a vontade de vencer tão terríveis obstáculos.

Rachel de Queiroz, a nossa homenageada pelos 110 anos de nascimento e 90 anos de O Quinze, nesse entremeio, cresce cercada de carinho, de livros, muitos livros; e de autores, tantos, que é quase impossível identificá-los com o rigor necessário.

Destacamos dois deles, a partir de uma afirmação colhida em tantos anos, obra das irmãs Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz<sup>3</sup>.

Na verdade, Mário de Andrade ocupava um lugar de honra no meu Olimpo. Ele e Manuel.

Mário de Andrade escreveu um belo ensaio, “As três Marias”, sobre uma obra de Rachel, com título homônimo. Manuel Bandeira<sup>4</sup> dedicou um “Louvado”, em versos, para sua amiga, “nata e flor do nosso povo (...) / Louvo o seu romance: O Quinze”.

Como descrever o Olimpo de Rachel de Queiroz?

Do grego *olympos*, em sentido figurado representa lugar de delícias; poeticamente, morada dos deuses, dos imortais.

Ser amigo de Rachel de Queiroz já é um forte qualificativo, mas não o único, para merecer tran-

<sup>3</sup> Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz. “23. Mário de Andrade”. In: *Tantos anos*, 1998, p. 115.

<sup>4</sup> Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*, 1996, p. 340-341.

sitar, com ela, do espaço telúrico para o divino que o Olimpo sugere.

Rachel considera amigos aqueles que, em algum momento da vida, entrelaçaram sentimentos, ideais, sonhos, determinação, ousadia, pequenas ou grandes realizações, em busca de enlevo e plenitude.

Com Rachel<sup>5</sup> em Fortaleza, no seu Ceará, frequentaram a mesma “roda de literatos”: “nosso amado guru Antônio Sales”; “Júlio Ibiapina”, que “me deixava escrever as primeiras crônicas no jornal O Ceará”; “Demócrito Rocha, que me dava muita confiança literária”; “Djacir Meneses, amigo fraterno”; “Jáder de Carvalho, meu primo, já amizade velha”; o “ruidoso e fulgurante Antônio Furtado”.

E cita mais amigos<sup>6</sup> lamentando a perda deles: Dinah Silveira de Queiroz, Odylo Costa, filho, Octávio de Faria, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Afonso Arinos de Melo Franco, os Gregoris, Chico Barbosa, Deolindo Couto, José Olympio, Athos e Daniel Pereira, Adonias Filho, Ricardo Ramos e Paulo Rónai.

Com a licença da nossa homenageada, podemos concluir que, no Olimpo de Rachel de Queiroz ou (...) no outro mundo, as almas mantêm sublimadas as amizades cá de baixo, naquela quintessência de excelências que só o céu pode dar.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Rachel de Queiroz. “Picí”. In: *O homem e o tempo*, 1995, p. 75.

<sup>6</sup> Idem. “A contagem regressiva está correndo”. In: *As terras ásperas*, 1993, p. 196.

<sup>7</sup> Idem. “Amigos”. In: *O homem e o tempo*, 1995, p. 93.



# C onto

## Um anjo revestido de artesanã

**Loreni Fernandes Gutierrez**

Escritora . Cadeira nº 19

Sentava-se ali todos os fins de tarde, apreciando a paisagem. Nela se incluíam pessoas, pássaros, animais e algo mais na direção do lago. Cuidara do pai durante quinze anos. Assim lhe pedira a mãe, um dia antes do fim. Três cães a rodeavam, deitados



às vezes sobre seus pés. Os lenços, na janela, iam e vinham ao sabor do vento e muitos paravam para comprar. Gerânios e rosas; hibiscos e primaveras em pencas, escorados nos muros, deslumbravam a visão. Não tem segredo. Esterco de galinhas, água e amor e eles florescem agradecidos, ela dizia.

O motorista do ônibus há algum tempo a contemplava. Uma de suas paradas era ali, a dez metros da morada da jovem. A casa ao lado, sem muro, permitia-lhe visualizar a silhueta da jovem de cabelos negros como o ébano e com o olhar compenetrado na direção do lago.

O que será que tem do outro lado? Pensava Tarcísio, encantado com a jovem e com a delicada ramagem de suas roupas. Queria se aproximar, mas não a conhecia. Que nome ela teria? Bela, quem sabe. Aquela era uma das paradas mais demoradas, descendo e entrando pessoas. Ele não tinha pressa. Na saída olhava o retrovisor, com cui-

dado, virando-se depois na direção da jovem, esperando que neste momento os seus olhos se cruzassem.

Num dia quente daquele outono criou coragem, desceu e lhe pediu água. Os cães silenciaram com o pedido da jovem, trazendo água

fresca. Olhando-a nos olhos Tarcísio sentiu uma estranha paz e seus anseios arrefeceram. Sorriu agradecido e perguntou o seu nome.

– Isabela, o nome de minha avó. Mas me chamam de Bela, diz ela.

– Sou-lhe grato pela água, Bela, diz o rapaz, admirado com um gato negro que surgiu na janela. Seria um presságio? Pensou. As pessoas estavam acomodadas no ônibus e ele retomou sua atividade.

Os dias passavam e o amor pela jovem aumentava. E todos os dias lá estava ela, sentada na mesma cadeira, acompanhada pelos cães e com um gato na janela. O inverno chegou rigoroso. Mas a jovem e os cães cobertos de mantas de lã não abandonaram a paisagem. O jardim da jovem não mudava. Parecia primavera. Nas folgas, Tarcísio passava em frente da casa de Isabela, mas apenas os cães e às vezes o gato se mostravam.



Um dia uma senhora saía da casa da jovem com duas sacolas. Criou coragem e perguntou se por ali existia alguma costureira.

– Sim, vim justamente apanhar minhas encomendas. Mas Bela só faz roupas femininas. Descendo esta rua, no quinto quarteirão à direita tem uma boa alfaiataria, diz ela, despedindo-se.

Com medo de que fosse visto, ele retornou a casa. Dias depois apareceu na casa da jovem para comprar lenços para a mãe. Atendido com solícitude comprou dois, de seda. O olhar da jovem acalmou de novo o seu coração.

Promovido, Tarcísio se mudou de cidade, mas vinha amiúde visitar a mãe e sua Bela. Os meses se transformavam em anos e ali estava ela com o gato, um dos cães, já bem velhinho e outros novos. Tarcísio, grisalho e bem-sucedido, passeava sempre com a mãe idosa, passando em frente à casa de Isabela.

Todas as vezes que por ali transitavam a mãe balbuciava:

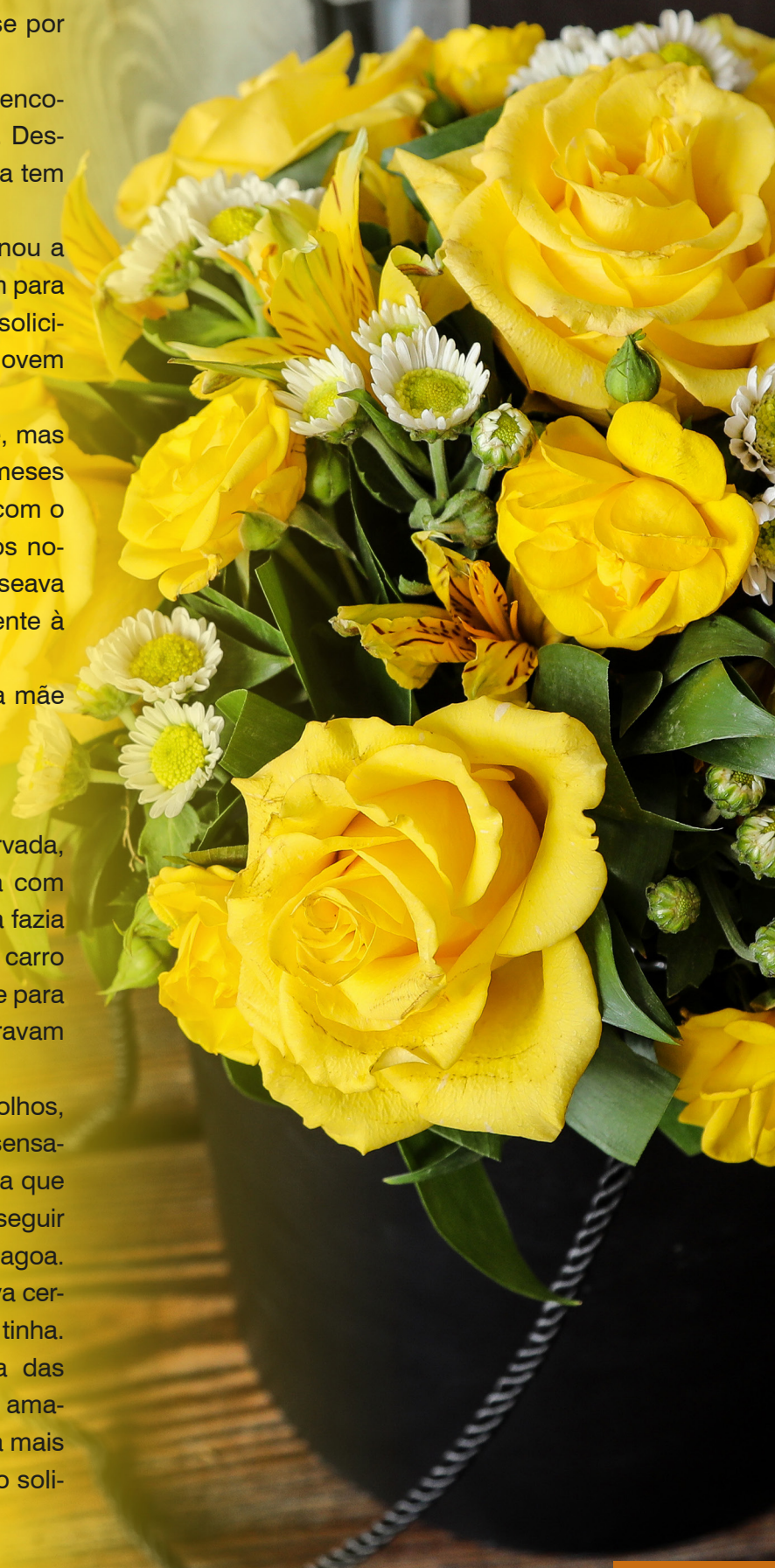
– Nesta rua mora um anjo.

Mamãe está envelhecendo, ele pensava.

Era admirável ver Isabela ereta e conservada, no meio de cães e flores e sempre vestida com ramagens. Começou então a pensar que ela fazia parte de um mistério. Estacionou um dia o carro perto da casa da jovem, olhando atentamente para o lago. Os reflexos do sol do fim de tarde pairavam sobre a lagoa, como chamas na água.

Era mágico. Tarcísio abria e fechava os olhos, procurando enxergar com o coração. Uma sensação de paz tomou conta de seu ser, a mesma que sentiu nos olhos de Isabela. Extasiou-se a seguir com a quantidade de anjos sobrevoando a lagoa. Lembrou-se da mãe com saudades, ela estava certa sobre um querubim. Que bom que ainda a tinha.

No início dessa noite a mãe receberia das mãos de Tarcísio um lindo buquê de rosas amarelas. Isabela, a partir de então, tornar-se-ia a mais preciosa de todas as lembranças no coração solitário de Tarcísio.





# C onto

## Os pássaros do meu sertão

**Alberto Gabriel Bianchi**

Advogado, escritor . Cadeira nº 44

Que saudade da minha infância e dos lindos pássaros de Pirangi e também de todo o Brasil.

Acordar e anoitecer com o canto de diferentes espécies. Que maravilha!

No mundo não há nada igual.

Quantas pessoas não gostariam de vivenciar aquele ato maravilhoso? De viver momentos como aqueles, na imensidão daquele pedaço de chão? O Universo inteiro parece partilhar com instantes inigualáveis.

Lugar sagrado para quem viveu a época alegre dos cafezais, arrozais, feijoads, algodoads e milhais onde as rolinhas, as pombas do ar, juritis e amargosas arrulhavam pelos campos. Tinha ainda os inhambus, as codornas e as perdizes. Como éramos felizes!

Na época dos grandes pomares de mamão, éramos visitados pelos sanhaços de dorso azul, com reflexos verdes, próximo do azul-turquesa, uma bela cor. Viviam solitários, em casais ou em bandos e adoravam mamão. Minha casa ficava no meio de uma grande plantação dessa fruta. Naquela fase é que descobri a existência de mamão-fêmea e mamão-macho e quem era quem.

Nos grandes laranjais e também nos pés de laranja plantados nos quintais, o sabiá laranjeira desfilava galhardamente por todos os cantos. Cantava antes do amanhecer e no crepúsculo vespertino e é considerada ave-símbolo do Brasil. Eu admirava o seu porte, o bico reto de cor amarelo oliva, a penugem de um tom uniforme marrom acinzentado no dorso, com a cor de ferrugem no seu ventre. Seu canto era melodioso e aflautado durante o período reprodutivo. Na literatura é citado como o pássaro que canta o amor e a primavera, as origens, a terra natal, a infância e as coisas boas da vida e na minha alma é lembrado, como a ave que canta minha cidade amada, minha eterna Pirangi, onde docemente vivi.

Na cidade, as andorinhas com beleza, elegância e agilidade em seu voo e com sua linda cor azul metálica e o peito branco ou castanho cinzento, chegavam todas as tardes em bandos gigantescos e principiavam um barulho ensurdecido.

Enfeitavam postes e fios elétricos da Companhia de Força e Luz, bem como as árvores sombrias, jaqueiras, mangueiras, abacateiros e outras. É uma



Foto: divulgação

ave emblemática: na China um casal de andorinhas era símbolo de fidelidade. Para os persas, símbolo de solidão e da separação dolorosa.

Na Valônia (Bélgica), segundo lenda popular, uma andorinha retirou com o bico, um a um, os espinhos que feriam a testa de Jesus Cristo.

Em Pirangi, simbolizavam a alegria de viver e o doce cair nostálgico do sol nas tardes de primavera e, eu silenciosamente balbuciava “O amor é a sublime poesia que sintetiza o eterno num momento”.

Na casa do seu Sebastião Bueno de Camargo, “casa dos Camargos” ou “casa das Camargo”, melhor ainda, “casa onde morei” e fui feliz, a quantidade de pássaros era impressionante, inclusive beija-flores. Lá estavam concentradas quase todas as espécies da região. Era uma casa com quintal repleto de árvores frutíferas, e todos da família amavam a natureza.

Ao redor da cidade víamos bem-te-vi, pardal, anu-preto, anu-branco, pássaro preto, curiango, coleirinha, tesourinha, corruíra, bicudo, canário, urubu, urubu-rei, gavião, joão-de-barro, coruja, fogo-apagou ou fogo-pagô, pintassilgo, azulão, tico-tico, tiziu de cor preto azulado brilhante (conhecido como um pássaro pretinho). O tiziu toda vez que cantava dava um salto vertical e caía no mesmo lugar. Viam-se também alguns tucanos e pica-paus.

Existia uma grande quantidade da chamada pomba-comum ou pomba-doméstica com uma enorme variação no padrão de cores. Essa ave milenar tem imagens que datam de 4.500 anos antes de Cristo.

Ao entardecer um bando de maritacas, que pareciam enlouquecidas, pousavam na copa das árvores das pequenas florestas da zona rural, fazendo uma barulheira que ecoava na mata inteira. Na cidade era a mesma coisa quando pousavam por cima da ramagem superior das grandes árvores.

Os periquitinhos verdes faziam sua revoada e pousavam nas árvores dos jardins da cidade para pernoitar.



Ao raiar a luz do dia, Pirangi parecia uma “Torre de Babel”, cada bando cantava a sua canção e, juntos, formavam uma grande orquestra que agradava todo mundo.

Como eram lindas as manhãs e o entardecer da primavera, quando as plantas coloriam toda a natureza e os pássaros canoros com seus acordes divinos produziam melodias maravilhosas para, de forma suave, encantar nossos ouvidos.

Nossos olhares brilhavam e os lábios sorriam com a harmonia do recanto querido, quando os pássaros fendiam os ares, indo para lá e para cá, num frenesi delicioso e no tempo da florada das plantas dos jardins e dos campos da nossa bela cidade.

Para quem vivenciou as décadas de 50 e 60 é realmente emocionante poder ouvir falar ou ler a respeito da cidade de Pirangi. Conversar com amigos daqueles tempos, reconhecê-los e rememorar com saudades tudo aquilo... Lembrar-se de gente que já se foi, gente ainda vive e que jamais poderíamos imaginar ver novamente na vida e que lá estão para nos contar tudo a respeito dos cafezais, pomares de mamão, laranjais, dos pássaros, dos peixes, dos rios e principalmente das pessoas daqueles tempos imorredouros.

A cidade, terra amada por todos lá nascidos e por todos que lá viveram ou que por lá passaram, sempre se destacou pela beleza, hospitalidade, suas riquezas e por ter um povo ordeiro e trabalhador. Tornou-se conhecida mundo afora, pela ternura de seus filhos ilustres que gritaram seu nome com orgulho e muita bravura.





# C onto

## Eu era feliz

**Waldner Lui**

*Jornalista, escritor . Cadeira nº 22*



Os dias seguem normalmente, focados no consumo e no individualismo e vamos naquela toada de charrete, pela estrada da vida afora, admirando a paisagem, desfrutando os prazeres gerados pelos encontros familiares e de amigos que orbitam no nosso cotidiano, provocando derrames de afetos, praticando o nosso esporte, usufruindo nosso lazer e saboreando as conquistas materiais e sentimentais.

Os problemas são de pequena estatura, mas por tendência ao egoísmo, ampliamos cada um deles e os transformamos em dilemas do tamanho de um cânion. Como se fossem maiores do que todos os das outras pessoas. E em vez de procurar reter as horas e usufruí-las com serena alegria, vamos transformando pequenos problemas em monstros de difícil solução.

De repente, do nada, como se virássemos uma esquina, percebemos que Deus determinou que a nossa finitude já se aproxima da estação. Tão rápido como uma lufada de vento, ficamos sabendo que estamos com uma doença de difícil cura. Não impossível, mas de difícil cura.

No primeiro momento, a tendência é sofrer com a implicância eloquente de Deus para conosco. Ventos gélidos e penetrantes passam a nos acompanhar desde a manhã até o amanhecer se-

guinte, trazendo desesperança. Feridos pelo luto antecipado considerando contados os nossos dias, mergulhamos de cabeça numa espiral avassaladora, um turbilhão pelo qual passam todos os fatos da vida vivida, ora nutrindo uma depressão abissal, sufocando desejos e sonhos; ora, estoicos, sentindo a fé injetar coragem, numa sensação de que não vamos nos curvar, vamos vencer essa parada e redesenhar o futuro.

Afinal, a cruz dos outros é tão pesada quanto a nossa. Alguém no recôndito da alma nos diz: “tenha fé! tenha esperança”. Como se a mensagem viesse de nossos pais, nossos avós, amigos queridos que já se foram para um outro plano, sei lá. Uma experimentação dolorosa que exige fôlego e resiliência para lassá-la, suportá-la com firmeza. Domesticar os nossos medos nessa hora, com a autoestima nos pés, é tarefa hercúlea. Bob Dylan já disse que “Todo ser humano é frágil quando se defronta com a morte”.

Parece que nos impactamos com um muro espesso e indevassável na nossa frente com a placa: “The end”. Daqui você não passa. Uma situação incômoda como a linha de nylon da etiqueta de uma camisa provocando coceira na nuca. Uma sensação de desapego que nos faz ficar sem chão, viajando numa velocidade louca como se

estivéssemos numa montanha-russa, subindo e descendo.

Certas horas o mergulho nos faz engolidos por um tsunami, sem saber se a direção em que estamos nadando é rumo à superfície da água ou se estamos afundando mais. Precisamos de ar. Em outros momentos, reagimos de forma diferente, com o freio imposto pela fé, tentando driblar as adversidades para buscar a sobrevivência com um rigoroso controle alimentar, agradecendo a Deus a oportunidade de termos vivido até aqui.

De repente, somos tomados por um descrédito na ciência, em Deus, uma apatia de jogar a toalha tipo "laissez aller". Pensando friamente, sabemos que precisamos nos reinventar para nos distanciar o máximo possível dessa relação acutilante, intensa, forte e azeda que a doença nos oferece ao se instalar no nosso corpo e nos informa o quanto somos vulneráveis.

E o desapego a tudo para encarar friamente a transitoriedade que determina nossa existência, posto que não somos imortais. Quando se é tangido pela notícia de que uma doença de cura difícil ameaça a nossa cidadela, começamos a refletir sobre o tempo de vida que nos resta. Poucos dias? Meses? Alguns anos? É preciso alma de aço para romper a resistência e procurar pulverizar conversas atravessadas. Nossa vontade é desabafar ao primeiro que encontramos. Porque a celebração da vida acabara de ser trancada a sete chaves. Nesse solitário sentimento, o afetivo torna-se o manto que aquece o coração. Só ele, nada mais. Exuberava a vontade reprimida de rever os amigos, abraçá-los, sentir o calor do olhar tete-à-tete, beijá-los como se não houvesse amanhã. E por acaso, haverá?

De repente, Deus carimbou a nossa data de validade. Mais cedo ou mais tarde, a hora chega. Cada um sente as emoções da vida, com uma intensidade diferente. Por isso somos chamados de indivíduos. Por isso é preciso viver como se não houvesse amanhã; amar como se nunca fôssemos nos machucar; trabalhar como se não precisássemos do dinheiro e dançar como se ninguém estivesse olhando.

Os salmos 91:7 ditam: "Mil cairão ao seu lado dez mil à direita!" Ignore o absurdo da existência. Estamos, afinal, com a morte à espreita na próxima esquina, de forma viral. Me vem à cabeça uma das músicas que mais amo, My Way: "and now the end is near, and so I face the final curtain..." Me desculpem essa elegia, mas estava segurando esse segredo comigo durante mais de 50 dias. E agora, curado completamente, volto a viver com a intensidade que sempre vivi.





# Crônica

## Mandela, eu e o jardim

**Elma Eneida Bassan Mendes**

Jornalista, escritor . Cadeira nº 11

Quando eu nasci, dezembro de 1962, Nelson Mandela tinha 44 anos de idade e estava há quatro meses na prisão. Eu cresci livre e misturada a todas as cores e tons que Deus criou apenas para tingir a pele dos homens. Provavelmente eu tenha ouvido falar de Nelson Mandela aos meus 17 anos de idade, na PUC-Campinas, quando ali ingressei para cursar Jornalismo. Mandela continuou preso durante os meus quatro anos de Faculdade. Estive preso também depois que eu me formei, arru-me trabalho, me apaixonei, casei e tive dois filhos.

Mandela reivindicava o fim da segregação racial entre brancos e negros. Um preso cordial, de quem pouco se viu o rosto por muitos anos. Não clamava em favor da liberdade para si, mas a de seu povo. E que viesse acompanhada da igualdade. Jovem universitária eu acompanhava os acontecimentos, nossos e de outros cenários mundiais, do jeito que dava. (Sim, existiu um mundo sem celular, internet e com pouquíssima liberdade de expressão). À época, era tarefa de casa, que se tornou delicioso hábito, ler dois jornais diários: um nacional e outro local. Eu e os amigos cotizávamos e os dois exemplares passavam de mãos em mãos de cada um dos grupos da sala de aula. Assim as notícias eram multiplicadas. Eu lamentava o mal, torcia por mudanças que pusessem fim às injustiças, miséria e violência.

No meu primeiro ano da faculdade, 1980, os metalúrgicos foram às ruas e iniciaram um movimento grevista que chamou a atenção do Brasil. Estagiária, cobri passeatas gigantescas. Era contagiante ver o

povo nas ruas. Eu abandonava o bloco de papel e a caneta e me agarrava às faixas de protesto. Até 1989, fomos como os negros da África do Sul: éramos proibidos de votar para presidente. A democracia era só um sonho, igual ao de Mandela, que seguia preso, sonhando acordado. Acordado, resistia. Resistindo, estudava, tecia vínculos de fé, inspirava o ser humano à igualdade, formatava a paz.

No Brasil, a primeira eleição direta para presidente da República pós-regime militar veio em 1989. Desacostumados da prática, erramos já de cara. Azar de principiantes, como o *impeachment* de Collor mostrou.

Quando Mandela saiu do cárcere, em 1990, aos 71 anos de idade, eu tinha 27 de vida: quase três décadas de sua resistência e sobrevivência dentro de prisões tão infames quanto foi o regime do *apartheid*. Emergiu um sorriso doce de paz, mensageiro de um tempo de esperança que ele construiu com suprema sabedoria e inspiração junto aos seus algozes. Floresceu um estadista de talento incomum.

Em 1993, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em 1994, os negros puderam, enfim, votar e o herói da Paz foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul. E, de primeira, os sul-africanos, brancos e negros, não erraram. Mandela nunca os decepcionou. Ele refundou o país sob pilares éticos e morais memoráveis e transformadores.

Encerro com belíssimo texto do chileno Ariel Dorfman com arrebatadora tradução de Anna Capovilla, intitulado “O verdadeiro bom combate”.

*“Esse é o Mandela que eu quero lembrar. O que viveu dia após dia seu século terrível e não saiu destroçado do cativeiro. O que cultivou um jardim na prisão. Ele gostava de plantar e colher debaixo de chuva e sol, sabendo que, assim como exercia um mínimo controle sobre um pedacinho de terra, também podia controlar sua dignidade e suas memórias e a fidelidade com os companheiros. O que compartilhava frutas e verduras com os outros presos, mas também com os carcereiros, prefigurando o tipo de nação que desejava e com o qual sonhava. É assim que quero lembrar de Mandela. Como um jardim que cresce, assim como cresce a memória. Como um jardim que cresce como deveria crescer a justiça. Como um jardim que nos reconcilia com a existência e a morte e as perdas irreparáveis. Como um jardim que cresce como cresce Mandela dentro de todos nós, dentro do mundo que ele ajudou a criar e terá de encontrar, tasteando, uma maneira de ser fiel a ele.”*





# Artigo

## Todas as cores do sangue

**Paulo Cesar Naoum**

*Biomédico, escritor - Cadeira nº 33*

Embora a cor do sangue dos vertebrados e seres humanos seja vermelha há algumas variações de tonalidades que podem ser naturais ou induzidas. Entretanto, na boca do povo a coisa desanda e o nobre líquido recebe algumas qualificações condenáveis.

Meu mais recente levantamento sobre as cores de sangue incluem: chocolate (ou marrom), verde escuro, vinho, branco, amarelo e azul. Algumas têm explicações científicas e outras são lendas populares. Há também os adjetivos do sangue, geralmente carregados de ironia, por exemplo, o famoso sangue de barata, o detestável sangue ruim, ou o discriminado sangue fraco.

Como sou um apaixonado pelo sangue e principalmente por sua cor vermelha, tento por vezes corrigir alguns incautos, explicando a razão de uma cor diferente, ou resgatando um sangue mal adjetivado. Vou tentar ser simples nas explicações sobre as diferentes cores do sangue e de alguns de seus adjetivos.

O sangue humano tem a cor vermelho vivo, ou escarlate, quando é retirado diretamente de artérias pois suas moléculas de hemoglobinas estão quase totalmente ligadas ao oxigênio (94 a 97% de saturação). Em sangue retirado da veia (sangue venoso) o nível de oxigênio cai para próximo de 60%, e os 40% da parte desoxigenada o deixa com a cor vermelho cornalina ou vermelho escuro. Porém, se a pessoa não bebe água adequadamente, ou está desidratada, o sangue se torna mais escuro ainda.

Sangue com a cor vinho (ou violeta) é aquele estocado uma semana ou mais em refrigerador, algumas vezes com hemólise. Esta também é a cor do sangue estocado em bolsas para transfusões de concentrados de hemácias. O sangue com a cor chocolate ocorre em pessoas com nível elevado de metaemoglobina, geralmente causado por deficiências de enzimas eritrocitárias notadamente a glicose-6-fosfato desidrogenase.

O sangue verde escuro é uma continuação do sangue chocolate, ou seja, numa pessoa intoxicada por sulfa, a cor passa de chocolate (metaemoglobina) para a cor verde escuro por conta do aumento do pigmento conhecido por sulfahemoglobina. O sangue branco, por sua vez, ocorre em pessoas com mais de 800 mil leucócitos (leucemias) e com anemia acentuada. Nestes casos, os leucócitos por terem cor branca tingem o sangue anêmico com nuances esbranquiçadas.

O sangue amarelo, na realidade se refere à cor do plasma intensamente amarelo como ocorre nas hepatites graves. O plasma amarelo, ou icterico, ao



se misturar com os glóbulos vermelhos deixa-os com reflexos amarelados. E para finalizar as cores do sangue, nada mais nobre que o sangue azul. Diz a lenda que um jovem negro africano, filho do rei mais rico da Etiópia, foi levado à Suécia no início da Idade Média para conhecer outros povos.

Acontece que uma princesa com pele muito branca se apaixonou pelo jovem visitante. Numa tarde de verão ambos foram se banhar num lago, e para espanto do rapaz ele viu que na alva pele da princesa suas veias tinham a cor azul celeste. Ao retornar para a África, o jovem africano relatou ao seu rei que os nobres brancos tinham sangue de cor azul.

A adjetivação do sangue muitas vezes tem maldades associadas. Sangue de barata, por exemplo, é referido àquelas pessoas que ao se amedrontarem por coisas banais se tornam pálidas. O sangue fraco é uma referência à covardia. O famoso sangue frio domina entre alguns heróis, como são os bombeiros no combate às chamas, e entre alguns famosos contraventores da nossa política. Enquanto que o sangue quente, carregado de adrenalina, é comum em pessoas nervosas e amalucadas.

Da mesma forma, o sangue ruim ou sangue bom são duas adjetivações antagônicas. Sangue ruim é destinado às pessoas más e cruéis, enquanto que sangue bom é o adjetivo que bajula pessoas bondosas, ou pertencentes a família de prestígio social, bem como ao amigo da gangue.

No entanto, todas as adjetivações do sangue são inadequadas e são feitas por pessoas que desconhecem que este nobre líquido, tal qual o respiro, representa a vida, e trabalha incessantemente 24 horas por dia percorrendo cerca de 150 quilômetros de artérias e veias para nos alimentar, emocionar e, às vezes, nos deixar possesso.



# Artigo

## Depressão e criação

**Wilson Daher**

Médico Psiquiatra, escritor. Cadeira nº 9

Há muito tempo que se criou a ideia de que a doença mental, principalmente a depressão e o transtorno bipolar (TBP), sejam sempre um fator preponderante para o exercício maior da arte de qualquer natureza. Claro que não é bem assim que funcio-



naria tal afirmativa e falo disso baseado nos quase 50 anos exercendo a Psiquiatria, pois lidando com maníacos e depressivos, nunca constatei tal evidência da forma como se apregoa. Doenças mentais como estas ou outra qualquer como a esquizofrenia são sempre geradoras de muita dor psíquica, muito sofrimento e muita solidão.

Por que então se criou tal ideia mítica sobre a criatividade artística de todos os tempos? Por que Rachmaninoff, um típico maníaco-depressivo à beira do suicídio, pelo fracasso de uma de suas composições (Concerto nº 1 para piano e orquestra) foi salvo pelo seu psiquiatra que o incentivou à criação do magnífico e comovente Concerto nº 2, no qual se percebe a catarse de seu sofrimento psíquico, que foi êxito o de público e crítica? Ouso dizer que só quem possui a priori o talento de um Rachmaninoff pode ser capaz de compor coisa tão linda e comovente como a obra que citei acima. Nenhum um de nós, meros mortais em

surto depressivo, seria capaz de transformar o sofrimento que leva à beira do suicídio, em catarse libertadora.

Tomei conhecimento há pouco tempo de uma poeta americana, bipolar, que suicidou-se aos 30 anos de idade. Nunca tinha ouvido falar de

Sylvia Plath antes de ler por acaso uma síntese de sua biografia. Só então eu soube dela, como uma bipolar típica, que em surtos maníacos era levada à hiperssexualidade, que ao mesmo tempo que lhe promovia o prazer de relações intensas, a acometia de posteriores sentimentos de culpa, que com certeza foram essenciais para o suicídio.

Pelo que entendi, ou senti, a poesia era uma forma de extravasar aquilo que vivia, como uma compensação de seu modo de ser. Bipolares, quando acometidos de erotismo acima do que se poderia considerar como natural, geralmente chegam a atuar de forma promíscua, como me fazem sentir os versos abaixo:

*“Dentro de mim mora um grito/ De noite ele sai com suas garras/ à caça de algo para amar.”*

Mas era tão evidente seu sofrimento em torno disso, que nos momentos de lucidez ela dizia que

“talvez quando nos encontramos querendo tudo, é porque estamos perigosamente perto de não querer nada”. Esta fala de natureza profundamente existencial revela o vazio de sua vida, com certeza a condição de seu niilismo, que a promoveu à condição de alta criatividade poética. Deu fim à própria vida aos 30 anos de idade.

O compositor russo Peter Illich Tchaikovski era maníaco- depressivo e suicidou-se com 53 anos de idade, também impulsionado pela sua condenatória homossexualidade daquela época. E aqui repetimos o que já exaltamos antes, que só um maníaco-depressivo com um original talento como o dele seria capaz de compor obras como a Pa-tética, o Lago dos Cisnes e outras belas composições. Depressão ou mania só foram o fermento que fez crescer o dom de origem.

Sabemos que nosso grande Machado de Assis era um típico depressivo. Lendo sua obra, temos a nítida impressão de que a ironia comum em seus romances seria uma forma de lidar com sua depressão. Permito-me dizer que o final de seu romance “Memórias póstumas de Brás Cubas” foi uma forma que o autor encontrou para mostrar o desalento depressivo ante uma civilização condenada à mediocridade (*“Não tive filhos, não deixei a ninguém o legado de nossa miséria”*).



Chopin e Beethoven foram personagens depressivas que criaram a partir de seu talento original obras imorredouras, assim como a poeta americana Emily Dickinson com seus delicados versos.

Poderíamos citar muitos outros autores que viveram e criaram nas mesmas condições dos que citei acima. Não caberiam num simples artigo como este. Então pensei em terminar com o bipolar Ernest Hemingway que cometeu suicídio aos 62 anos. Ele herdara do seu pai a doença e o suicídio por ele também cometido.

*“Não perguntes por quem os sinos dobram, eles dobram por ti.” (Hemingway)*







# A rtigo

## A vacina é bem público global?

*Eudes Quintino de Oliveira Júnior*

*Promotor de justiça aposentado. Cadeira nº 26*







Uma questão que vem suscitando inquietação mundial, neste momento com a flexibilização da economia de alguns países, é justamente saber a respeito das pesquisas que estão sendo desenvolvidas para a descoberta da vacina contra o coronavírus. Algumas delas já se encontram na terceira fase consistente na pesquisa com humanos. Se aprovadas, após a homologação pela ANVISA, inicia-se a inoculação no organismo humano.

A indagação que se faz é se, encontrada a vacina, ela será de propriedade do país, do laboratório ou abrirá acesso a toda humanidade? E a resposta a respeito de algum medicamento ou vacina com a devida certificação, ainda não formada definitivamente, ganha relevância mundial e já começa a circular como sendo *res communis omnium*, tão largamente utilizada no Direito Romano, dando a entender o pertencimento coletivo de tudo aquilo que a natureza proporciona, como também a criação pelo homem de algo que beneficia a humanidade.

Recentemente, a Organização das Nações Unidas aprovou resolução incentivando os países membros a fazer uma verdadeira parceria de cooperação científica no desenvolvimento de medicamentos e vacinas, evitando qualquer ato de especulação ou estocagem indevida e que também seja facilitado ao máximo “o acesso oportuno e equitativo a testes, suprimentos médicos, medicamentos e futuras vacinas contra o coronavírus para todos, especialmente os países em desenvolvimento”.<sup>1</sup>

A Organização Mundial da Saúde, por sua vez, responsável pela decretação da pandemia do coronavírus, em sua recente reunião anual, conclamou a todos os membros que, em caso de descoberta de uma vacina, que ela seja considerada um bem público global, com acesso irrestrito a toda comunidade mundial.

Esta vertente de pensamento encontra total aderência na dimensão antropológica universal da Bioética. A globalização foi um fenômeno que eclodiu lentamente e, após sua consolidação, provocou um estreitamento cada vez mais próximo entre os homens, de forma direta e difusa. Tanto é que a Bioética não traz normas explícitas a respeito de seu conteúdo e sim princípios universais que são facilmente adaptados e conjugados com as necessidades de cada povo.

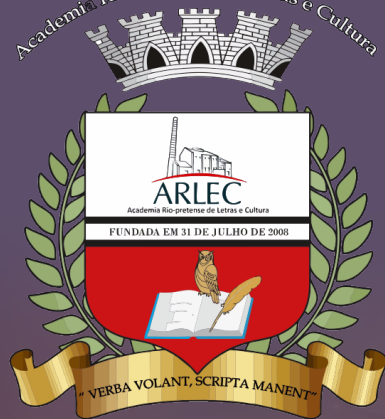
Dois princípios da Bioética vão ao encontro do pensamento da Organização Mundial da Saúde. O da beneficência, como sendo aquele em que se busca a maximização dos benefícios à saúde humana, com a minimização dos danos. Quer dizer, todo o procedimento a ser feito na investigação científica deve trazer um critério ético que demonstre a preocupação de avançar cada vez mais em produzir resultados satisfatórios, afastando sempre eventuais danos e riscos. O da justiça distributiva, por sua vez, cuida de proclamar que todo benefício conseguido por meio da investigação científica e que tenha alcançado resultados promissores para a preservação da saúde humana, deve ser estendido também às demais pessoas portadoras da mesma moléstia, ou que se encontrem na mesma situação de risco, em razão da própria atitude humanitária que deve reger a ética universal.

Não se trata de ato de caridade, mas sim de comprometimento com a própria humanidade que, mais do que nunca, exige, em tempos de pandemia contra um inimigo único e natural, a colaboração espontânea e recíproca das nações. A saúde e a doença se encontram no mesmo plano universal, comum a todos os povos que devem se unir em torno de uma corrente humanitária de solidariedade em busca do bem-estar comum.

<sup>1</sup><https://nacoesunidas.org/resolucao-da-assembleia-geral-quer-acesso-global-a-material-de-combate-a-covid-19/>



Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

